Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Semânticos - [Médio]

01 - (FEPAR PR)

"Frederico Paciência vinha me trazer até casa. Sofríamos tanto que parece impossível sofrer com tamanha felicidade. E toda noite era aquilo: a boca rindo, os olhos cheios de lágrimas."

(Contos Novos, Mário de Andrade)

Assinale a alternativa que NÃO pode significar uma das figuras de linguagem presentes no trecho acima.

a) Antítese.

b) Eufemismo.

c) Metáfora.

d) Paradoxo.

e) Contraste.

02 - (FATEC SP)

A relação de sentido que há entre as orações grifadas em

"Lá a existência é uma aventura / De tal modo inconseqüente / Que Joana a Louca de Espanha / [...] vem a ser contraparente da nora que nunca tive"

manifesta-se em

a) Eu jogava longe canudo e caneca. Para recomeçar no dia seguinte, sim, as bolhas de sabão.

b) Sua voz era grave: metia medo.

c) Durante o dia, seu perfume ainda pairou pelo quarto. Ao anoitecer, Dionísia abriu as janelas.

d) Esforçou-se muito, mas não alcançou o que procurava.

e) Ele não era advogado; mesmo assim quis defender o pai.

03 - (FUVEST SP)

Olhava mais era para Mãe. Drelina era bonita, a Chica, Tomezinho. Sorriu para Tio Terêz: - "Tio Terêz, o senhor parece com Pai..." Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse: - "Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d'água..." Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-Ouro. E o Pai. Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim... Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.

Do ponto de vista do estilo e da relação deste com o sentido, esse trecho caracteriza-se:

a) pela sucessão de frases curtas e entrecortadas, que mimetizam o ritmo da emoção implicada na cena.

b) pela conjunção de narrador em primeira pessoa e em terceira pessoa, interligando solidamente emissor e receptor.

c) pelo recurso intensivo às figuras de linguagem, com predomínio das metáforas sobre as metonímias - o que potencia o teor simbólico do texto.

d) pelo predomínio da função emotiva sobre as funções poética e conativa, o que gera a força encantatória própria do texto.

e) pela dominância da adjetivação afetiva, que traz à tona e potencia a emoção própria da cena.

04 - (Mackenzie SP)

Texto I

Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.

Ítalo Calvino

Texto II

Não há a possibilidade de existir um homem livre de todas as coerções sociais. Isso não ocorre nem mesmo no interior do ser humano. Sabemos que as normas sociais impõem até que desejos são admissíveis e que desejos são inadmissíveis.

José Luiz Fiorin

Texto III

O inferno são os outros.

Jean Paul Sartre

Sobre o texto I é correto afirmar:

a) o segundo período estabelece com o primeiro uma relação de finalidade.

b) o segmento destacado equivale a: “cada um de nós é apenas uma combinatória”.

c) o emprego do pronome nós indica distanciamento do falante em relação ao enunciado.

d) os complementos de combinatória constituem aspectos que contrariam o sentido abrangente de enciclopédia.

e) a interrogação introduz dúvida para a qual o falante não propõe resposta.

05 - (Mackenzie SP)

É verdade que podemos votar, é verdade que podemos, como cidadãos eleitores e normalmente por via partidária, escolher os nossos representantes no parlamento. Mas é igualmente verdade que a possibilidade de ação democrática começa e acaba aí. O eleitor poderá tirar do poder um governo que não lhe agrade e pôr outro no seu lugar, mas o seu voto não teve, não tem, nem nunca terá qualquer efeito visível sobre a única e real força que governa o mundo, e portanto o seu país e a sua pessoa: refiro-me, obviamente, ao poder econômico, em particular à

parte dele, sempre em aumento, gerida pelas empresas multinacionais de acordo com estratégias de domínio que nada têm que ver com aquele bem comum a que, por definição, a democracia aspira.

Todos sabemos que é assim, e contudo, por uma espécie de automatismo verbal e mental que não nos deixa ver a nudez crua dos fatos, continuamos a falar de democracia como se se tratasse de algo vivo e atuante, quando dela pouco mais nos resta que um conjunto de formas ritualizadas, os inócuos passes e os gestos de uma espécie de missa laica.

José Saramago

Assinale a alternativa que identifica corretamente o termo a que se refere a palavra destacada.

a) acaba aí (linha 2) – a possibilidade de escolha do representante

b) não lhe agrade (linha 3) – o governo

c) pôr outro no seu lugar (linha 3) – o eleitor

d) aquele bem comum (linha 5) – o poder econômico

e) quando dela pouco mais nos resta (linha 8) – a nudez crua dos fatos

06 - (Mackenzie SP)

Mote

Perdigão perdeu a pena,

Não há mal que lhe não venha.

Volta

Perdigão que o pensamento

Subiu a um alto lugar,

Perde a pena do voar,

Ganha a pena do tormento.

Não tem no ar nem no vento

Asas com que se sustenha:

Não há mal que lhe não venha.

Camões

Considerando o sentido **conotativo** do texto, é correto afirmar que:

a) Camões defende os ideais mercantilistas do século XVI, exaltando o poder ilimitado dos portugueses, aqui representado pela metáfora da ave que *Subiu a um alto lugar*.

b) Camões, ao contrário do que fez em Os lusíadas, enaltece a busca de fama e glória, prevendo um futuro glorioso para a pátria, o que se comprova pelo sentido do último verso.

c) o poeta relativiza o valor da ambição desmesurada, representada pelo ato do *Perdigão*, e confirma, assim, o ponto de vista crítico expresso na obra épica Os lusíadas.

d) a visão de mundo renascentista tem como base ideológica os princípios religiosos que condenam a busca de prazeres mundanos, por isso a ave *Ganha a pena do tormento*.

e) Camões endossa o ideal da propagação da fé católica e do expansionismo português, representados, no poema, pelo vôo heróico do *Perdigão*.

07 - (Mackenzie SP)

Portal do Assinante Estadão. Aqui não há visitantes, só gente de casa.

O Portal do Assinante Estadão é um lugar dedicado especialmente a você, 24 horas por dia, feito para as pessoas se sentirem em casa. Veja alguns privilégios: entrega em dois endereços, transferência temporária, interrupção de entrega, promoções exclusivas do Clube do Assinante, informações sobre o jornal. Entre sem bater, fique à vontade e acesse. Afinal, a casa é sua.

No texto,

a) a expressão gente de casa poderia ser substituída, sem prejuízo do sentido original, pela expressão “donos da casa”.

b) Afinal pode ser substituído, sem que haja alteração do sentido original, por “finalmente”.

c) expressões utilizadas comumente para visitantes bem-vindos são empregadas para transmitir os conteúdos de “aproximação”, “familiaridade”.

d) Afinal pode ser substituído, sem que haja alteração do sentido original, por “portanto”.

e) em feito para as pessoas se sentirem em casa, o termo as pessoas tem como referência visitantes e assinantes, que, por sua vez, têm sentidos opostos.

08 - (Mackenzie SP)

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, mas à tarde saía a passear, percorria as casas dos moradores. Garotos empalamados e beiçudos agarravam-se à saia dela.

Foi à escola, criticou o método de ensino do Padilha e entrou a amolar-me reclamando um globo, mapas, outros arreios que não menciono porque não quero tomar o incômodo de examinar ali o arquivo.Um dia, distraidamente, ordenei a encomenda. Quando a fatura chegou, tremi. Um buraco: seis contos de réis. Calculem. Contive-me porque tinha feito tenção de evitar dissidências com minha mulher e porque imaginei mostrar aquelas complicações ao governador quando ele aparecesse aqui. Em todo o caso era despesa supérflua.

Graciliano Ramos, São Bernardo

Pela manhã Madalena trabalhava no escritório, mas à tarde saía a passear …

Uma nova redação para a frase acima, que comece com “*À tarde Madalena saía a passear,* ” e não prejudique nem o sentido original nem a correção, deverá ter a seguinte continuidade:

a) se bem que pela manhã tinha trabalhado no escritório.

b) porém pela manhã trabalhou no escritório.

c) todavia pela manhã iria trabalhar no escritório.

d) embora pela manhã trabalhasse no escritório.

e) quando pela manhã costumava trabalhar no escritório.

09 - (Mackenzie SP)

O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje alguma cousa *que às vezes lhe recordava o passado: essa* alguma cousa *era a Maria-Regalada que morava na prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto; daí é que vinha o apelido –* regalada *– que haviam ajuntado a seu nome.*

Isto de apelidos, era no tempo destas histórias uma cousa muito comum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse apêndice ao seu nome.

Obs.*: de truz* – de primeira ordem, magnífica

Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias

A frase que, no contexto, pode ser corretamente entendida como uma conseqüência é:

a) (linha 02) *essa* alguma cousa *era a Maria-Regalada*.

b) (linha 02 e 03) *Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz*.

c) (linha 03) *era de um gênio sobremaneira folgazão*.

d) (linha 04) *fazia-o por muito tempo e com muito gosto*.

e) (linha 06) *não estranhem pois os leitores*.

10 - (PUC PR)

Observe as frases que seguem:

1. Ela **também** sofrera muito com a morte do pai.
2. Os suspeitos do crime eram três, **aliás**, quatro.
3. Era eu **mesmo** que queria deixar o cargo que ocupava.
4. Assistiram ao espetáculo **cerca de** 50 mil espectadores.

Os termos assinalados em negrito denotam, respectivamente:

a) inclusão, retificação, reforço, avaliação;

b) reforço, inclusão, avaliação, retificação;

c) inclusão, avaliação, retificação, reforço;

d) avaliação, reforço, retificação, inclusão;

e) retificação, avaliação, inclusão, reforço.

11 - (EsPCEX)

Leia o fragmento a seguir.

"*Quando saí do tribunal, vim pensando na frase do Lopes, e pareceu-me entendê-la. 'Suje-se gordo!' era como se dissesse que o condenado era mais que ladrão, era um ladrão reles, um ladrão de nada*."

ASSIS, Machado. *Relíquias de Casa Velha*.

Em "...*vim pensando*...", quanto ao aspecto verbal, a expressão é uma perífrase

a) incoativa.

b) durativa.

c) pontual.

d) descontínua.

e) conclusiva.

12 - (UFPR)

Considerando os pares de frases a seguir, avalie em que casos a informação em (a) permite afirmar (b).

1. a) Em 01 de setembro de 2012, a cidade de São Paulo registrou a tarde mais quente do inverno.

   b) A tarde de 01 de setembro foi a mais quente do ano na cidade de São Paulo.

2. a) A música dita “sertanejo universitário” visa às classes A e B, enquanto as demais variedades sertanejas visam às camadas mais populares.

   b) A música conhecida como “sertanejo universitário”, ao contrário das demais variedades sertanejas, não visa às camadas populares.

3. a) Apesar de trabalharem juntos, a relação entre o técnico e o goleiro foi pautada por uma desconfiança recíproca.

   b) Tanto o técnico quanto o goleiro tinham restrições mútuas.

Atende(m) à condição acima estabelecida o(s) item(ns):

a) 1 apenas.

b) 2 apenas.

c) 3 apenas.

d) 1 e 3 apenas.

e) 2 e 3 apenas.

13 - (IBMEC SP)

Aquela olhadinha despretensiosa no Facebook pode consumir horas de trabalho. Segundo uma pesquisa divulgada recentemente, 62% das pessoas admitem que navegar na internet faz com que elas procrastinem (...).

Na pesquisa, 71% dos entrevistados disseram deixar tudo para a última hora. "Eles reclamam de falta de tempo, mas perdem tempo em redes sociais", diz Barbosa.

A internet não é a única culpada, mas é como se ela juntasse a fome com a vontade de comer: a preguiça com a oferta de algo divertido que exige pouco esforço. "Procrastinação sempre existiu, mas antigamente não tinha Skype e Facebook. Hoje a luta é mais severa, há mais coisas para nos sabotar", afirma Barbosa.

(http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1124603-internet-e-a-maior-causa-de-procrastinacao-diz-estudo.shtml)

O termo "procrastinem", empregado no primeiro parágrafo, tem significado novamente explorado no texto em

a) "navegar na internet".

b) "deixar tudo para a última hora".

c) "juntasse a fome com a vontade de comer".

d) "a luta é mais severa".

e) "coisas para nos sabotar".

14 - (UEMA)

Observe com atenção a comunicação entre os dois falantes na tirinha abaixo.



DAVIS, Jim. *Garfield em grande forma*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

Na tirinha, o efeito de humor é gerado pela não convergência semântica conferida ao significante ele pelos dois falantes, uma vez que

a) o segundo interlocutor não estava atento à situação comunicativa, o que gerou a falha na comunicação.

b) ele, por ser uma palavra polissêmica, sempre necessitará do sujeito explicitado no texto.

c) há no texto uma indeterminação do sujeito, o que gera ambiguidade.

d) se trata de uma palavra homônima, gerando ambiguidade sintática.

e) em 3ª pessoa, o vocábulo ele, no contexto dessa frase, provoca ambiguidade.

15 - (IFSP)

"Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio."

Carlos Drummond de Andrade

Sobre as relações semânticas estabelecidas entre alguns segmentos do texto, analise as assertivas abaixo.

I. Em "Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles **e** eram todas mimosas e muito prendadas", a conjunção "**e**" apresenta a causa e a consequência de um fenômeno.

II. Embora o conectivo "**mas**" funcione, na maioria das vezes, para adicionar uma relação de oposição, nesse caso, traduz em "mas ficavam longos meses debaixo do balaio.", – esse conectivo pode ser substituído por "uma vez que".

III. O trecho "Os janotas, mesmo sendo rapagões" traduz uma referência de concessão.

É correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) II e III, apenas.

c) II, apenas.

d) III, apenas.

e) I, apenas.

16 - (ENEM)

Labaredas nas trevas

Fragmentos do diário secreto de

Teodor Konrad Nalecz Korzeniowski

20 DE JULHO [1912]

Peter Sumerville pede-me que escreva um artigo sobre Crane. Envio-lhe uma carta: “Acredite-me, prezado senhor, nenhum jornal ou revista se interessaria por qualquer coisa que eu, ou outra pessoa, escrevesse sobre Stephen Crane. Ririam da sugestão. […] Dificilmente encontro alguém, agora, que saiba que é Stephen Crane ou lembre-se de algo dele. Para os jovens escritores que estão surgindo ele simplesmente não existe.”

20 DE DEZEMBRO [1919]

Muito peixe foi embrulhado pelas folhas de jornal. Sou reconhecido como o maior escritor vivo da língua inglesa. Já se passaram dezenove anos desde que Crane morreu, mas eu não o esqueço. E parece que outros também não. *The London Mercury* resolveu celebrar os vinte e cinco anos de publicação de um livro que, segundo eles, foi “um fenômeno hoje esquecido” e me pediram um artigo.

FONSECA, R. **Romance negro e outras histórias.**
São Paulo: Companhia das Letras, 1992 (fragmento).

Na construção de textos literários, os autores recorrem com frequência a expressões metafóricas. Ao empregar o enunciado metafórico “Muito peixe foi embrulhado pelas folhas de jornal”, pretendeu-se estabelecer, entre os dois fragmentos do texto em questão, uma relação semântica de

a) causalidade, segundo a qual se relacionam as partes de um texto, em que uma contém a causa e a outra, a consequência

b) temporalidade, segundo a qual se articulam as partes de um texto, situando no tempo o que é relatado nas partes em questão.

c) condicionalidade, segundo a qual se combinam duas partes de um texto, em que uma resulta ou depende de circunstâncias apresentadas na outra.

d) adversidade, segundo a qual se articulam duas partes de um texto em que uma apresenta uma orientação argumentativa distinta e oposta à outra.

e) finalidade, segundo a qual se articulam duas partes de um texto em que uma apresenta o meio, por exemplo, para uma ação e a outra, o desfecho da mesma.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 17

Declaração

Devia começar, como o sabe de cor e salteado a maioria dos leitores, que é sem dúvida nenhuma muito entendida na matéria, por uma declaração em forma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira saída é o mais difícil. Todas as vezes que esta idéia vinha à cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhava-se-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compor, a estudar o que havia de dizer a Luizinha quando aparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéias

brilhantes: porém, mal tinha assentado em que diria isto ou aquilo, já isto ou aquilo lhe não parecia bom. Por várias vezes, tivera ocasião favorável para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luizinha; porém, nessas ocasiões, nada havia que pudesse vencer um tremor nas pernas que se apoderava dele, e que não lhe permitia levantar-se do lugar onde estava, e um engasgo que lhe sobrevinha, e que o impedia de articular uma só palavra. Enfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, dizer-lhe a primeira coisa que lhe viesse à boca.

Luizinha estava no vão de uma janela a espiar para a rua pela rótula: Leonardo aproximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou imóvel como uma estátua atrás dela que, entretida para fora, de nada tinha dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia falar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quisesse tocar no ombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por aí não ia bem; quis antes puxar-lhe pelo vestido, e ia já levantando a mão quando também se arrependeu. Durante todos esses movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. Enfim, um incidente veio tirá-lo da dificuldade.

Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguém se aproximava, e tomado de terror por se ver apanhado naquela posição, deu repentinamente dois passos para trás, e soltou um – ah! – muito engasgado. Luizinha, voltando-se, deu com ele diante de si, e recuando espremeu-se de costas contra a rótula: veio-lhe também outro - ah! – porém não lhe passou da garganta e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguém chegasse à sala; os dois levaram algum tempo naquela mesma posição, até que Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silêncio, e com voz trêmula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntou desenxabidamente:

- A senhora... sabe...uma coisa?

E riu-se com uma risada forçada, pálida e tola.

Luizinha não respondeu. Ele repetiu no mesmo tom:

- Então... a senhora... sabe ou... não sabe?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

- A senhora bem sabe...é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

- Se a senhora não ficasse zangada ... eu dizia ...

Silêncio.

- Está bom ... Eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada?

Luizinha fez um gesto de quem estava impacientada.

- Pois então eu digo ... a senhora não sabe ... eu...eu lhe quero ... muito bem...

Luizinha fez-se cor de uma cereja; e fazendo meia volta à direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se aproximava.

Leonardo viu-a ir-se, um pouco estupefato pela resposta que ela lhe dera, porém, não de todo descontente: seu olhar de amante percebera que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradável a Luizinha.

Quando ela desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um Sargento de Milícias*

17 - (UNIRIO RJ)

O vocábulo “Enfim”, utilizado na última frase do segundo parágrafo, apresenta valor semântico:

a) conclusivo.

b) explicativo.

c) concessivo.

d) contrastivo .

e) comparativo.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 18

TEXTO I

“Escrever, para mim, é um ato que preenche várias finalidades. Em primeiro lugar, é uma forma de organizar o mundo, de dar sentido às coisas, através daquela progressão lógica: princípio, meio, fim. Em segundo lugar, é um grande meio de comunicação com nossos semelhantes: a palavra escrita é um território que partilhamos em silêncio, em amável cumplicidade. Escrever é contar histórias. Cheguei à literatura por causa disto. Gostava de ouvir as histórias que meus pais, imigrantes, contavam e queria fazer como eles, contar também as minhas histórias, mas contar como os escritores que li desde pequeno (Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Jorge Amado) e que eu admirava. Por último, quero dizer que há, no escrever, um componente lúdico. Colocar as palavras uma ao lado da outra é um jeito de organizar o pensamento, mas é sobretudo um jogo, como aqueles jogos de armar. Tudo isso para dizer que escrever tem de ser sinônimo de prazer e emoção. Dar prazer e emoção ao leitor é a primeira tarefa do escritor.”

(Moacyr Scliar, http://www.klickescritores.com.br)

TEXTO II - Escrever é Triste

Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. Os dedos sobre o teclado, as letras se reunindo com maior ou menor velocidade, mas com igual indiferença pelo que vão dizendo, enquanto lá fora a vida estoura não só em bombas como também em dádivas de toda natureza, inclusive a simples claridade da hora, vedada a você, que está de olho na maquininha. O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, puré de palavras, reflexos no espelho (infiel) do dicionário. O que você perde em viver, escrevinhando sobre a vida. Não apenas o sol, mas tudo que ele ilumina. Tudo que se faz sem você, porque com você não é possível contar. Você esperando que os outros vivam, para depois comentá-los com a maior cara-de-pau ("com isenção de largo espectro", como diria a bula, se seus escritos fossem produtos medicinais). Selecionando os retalhos de vida dos outros, para objeto de sua divagação descompromissada. Sereno. Superior. Divino. Sim, como se fosse deus, rei proprietário do universo, que escolhe para o seu jantar de notícias um terremoto, uma revolução, um adultério grego — às vezes nem isso, porque no painel imenso você escolhe só um besouro em campanha para verrumar a madeira. Sim, senhor, que importância a sua: sentado aí, camisa aberta, sandálias, ar condicionado, cafezinho, dando sua opinião sobre a angústia, a revolta, o ridículo, a maluquice dos homens. Esquecido de que é um deles. Ah, você participa com palavras? Sua escrita — por hipótese — transforma a cara das coisas, há capítulos da História devidos à sua maneira de ajuntar substantivos, adjetivos, verbos? Mas foram os outros, crédulos, sugestionáveis, que fizeram o acontecimento. Isso de escrever «O Capital» é uma coisa, derrubar as estruturas, na raça, é outra. E nem sequer você escreveu «O Capital». Não é todos os dias que se mete uma ideia na cabeça do próximo, por via gramatical. E a regra situa no mesmo saco escrever e abster-se. Vazio, antes e depois da operação. Claro, você aprovou as valentes ações dos outros, sem se dar ao incômodo de praticá-las. Desaprovou as ações

nefandas, e dispensou-se de corrigirlhes os efeitos. Assim é fácil manter a consciência limpa. Eu queria ver sua consciência faiscando de limpeza é na ação, que costuma sujar os dedos e mais alguma coisa. Ao passo que, em sua protegida pessoa, eles apenas se tisnam quando é hora de mudar a fita no carretel.(...)

(Drummond de Andrade, Carlos. *O Poder Ultrajovem*, 1972.)

18 - (IBMEC SP)

É possível afirmar que:

a) no texto II, o afastamento de uma vida atuante por parte do escritor fica patente na passagem “Selecionando os retalhos de vida dos outros...”.

b) no texto I, o isolamento em que vive o escritor é expresso em “...em amável cumplicidade.”

c) no texto II, a produção escrita como uma atividade concernente à utilização do vernáculo demonstra-se nas expressões “puré de palavras” e “espelho (infiel) do dicionário”.

d) no texto II, com “...que costuma sujar os dedos e mais alguma coisa.”, o autor faz menção à complexidade da atividade literária que requer exercício corporal intenso e integral.

e) no texto I, a expressão “como aqueles jogos de armar” apresenta a atividade literária como um quebra-cabeças em que as palavras preenchem lacunas de acordo com as necessidades estilísticas do texto.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 19

Apólogo brasileiro sem véu de alegoria

[1]O trenzinho recebeu em Magoari o [2]pessoal do matadouro e tocou para Belém. [3]Já era noite. Só se sentia o cheiro doce do [4]sangue. As manchas na roupa dos [5]passageiros ninguém via porque não havia [6]luz. De vez em quando passava uma fagulha [7]que a chaminé da locomotiva botava.

[8]Trem misterioso. Noite fora noite [9]dentro. O chefe vinha recolher os bilhetes de [10]cigarro na boca. Chegava a passagem bem [11]perto da ponta acesa e dava uma chupada [12]para fazer mais luz.

[13]Noite sem lua nem nada. Os fósforos é [14]que alumiavam um instante as caras [15]cansadas e a pretidão feia caía de novo. [16]Ninguém estranhava. Era assim mesmo [17]todos os dias. O pessoal do matadouro já [18]estava acostumado. Parecia trem de carga o [19]trem de Magoari.

[20]Porém aconteceu que no dia 6 de maio [21]viajava no penúltimo banco do lado direito [22]do segundo vagão um cego de óculos azuis. [23]Cego baiano das margens do Verde de [24]Baixo. Flautista de profissão dera um [25]concerto em Bragança. O taioca guia dele só [26]dava uma folga no bocejo para cuspir.

[27]Baiano velho estava contente. Primeiro [28]deu uma cotovelada no secretário e puxou [29]conversa. Puxou à toa porque não veio [30]nada. Então principiou a assobiar. Assobiou [31]uma valsa (dessas que vão subindo, vão [32]subindo e depois descendo, vêm descendo). [33]De repente deu uma cousa nele. Perguntou [34]para o rapaz:

[35]- O jornal não dá nada sobre a [36]sucessão presidencial?

[37]O rapaz respondeu:

[38]- Não sei: nós estamos no escuro.

[39]- No escuro?

[40]- É.

[41]Ficou matutando calado. Claríssimo que [42]não compreendia bem. Perguntou de novo:

[43]- Não tem luz?

[44]Bocejo.

[45]- Não tem.

[46]Cuspada.

[47]Matutou mais um pouco. Perguntou de [48]novo:

[49]- O vagão está no escuro?

[50]- Está.

[51]De tanta indignação bateu com o [52]porrete no soalho. E principiou a grita dele [53]assim:

[54]- Não pode ser! Estrada relaxada! Que [55]é que faz que não acende? Não se pode [56]viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o [57]maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz!

[58]E a luz não foi feita. Continuou [59]berrando:

[60]- Luz! Luz! Luz!

[61]Só a escuridão respondia.

[62]Baiano velho estava fulo. Urrava. Vozes [63]perguntaram dentro da noite.

[64]- Que é que há?

[65]Baiano velho trovejou:

[66]- Não tem luz!

[67]Vozes concordaram:

[68]- Pois não tem mesmo.

[69]Foi preciso explicar que era um [70]desaforo. Homem não é bicho. Viver nas [71]trevas é cuspir no progresso da [72]humanidade. Depois a gente tem a [73]obrigação de reagir contra os exploradores [74]do povo. No preço da passagem está [75]incluída a luz. O governo não toma [76]providências? Não toma? A turba ignara fará [77]valer seus direitos sem ele.

[78]- Que é que se vai fazer então? [79]Ninguém sabia. Isto é: João Virgulino sabia. [80]Magarefe chefe do matadouro de Magoari, [81]tirou a faca da cinta e começou a [82]esquartejar o banco de palhinha.

[83]Todos os passageiros magarefes e [84]auxiliares imitaram o chefe. Os instintos [85]carniceiros se satisfizeram plenamente. A [86]indignação virou alegria. Era cortar e jogar [87]pelas janelas.

[88]O chefe do trem foi para o cubículo [89]dele e se fechou por dentro rezando. Belém [90]já estava perto. Dos bancos só restava a [91]armação de ferro. Os passageiros de pé [92]contavam façanhas. Baiano velho tocava a [93]marcha de sua lavra Às armas cidadãos! O [94]taioquinha embrulhava no jornal a faca [95]surrupiada na confusão.

[96]Belém vibrou com a história. Os jornais [97]afixaram cartazes. Era assim o título de um: [98]Os passageiros no trem de Magoari [99]amotinaram-se jogando os assentos ao leito [100]da estrada. Mas foi substituído porque se [101]prestava a interpretações que feriam de [102]frente o decoro das famílias. Diante do [103]Teatro da Paz houve um conflito sangrento [104]entre populares.

[105]Dada a queixa à polícia foi iniciado o [106]inquérito para apurar as responsabilidades. [107]O delegado perguntou a um passageiro que [108]se declarou protestante e trazia um [109]exemplar da Bíblia no bolso:

[110]- Qual a causa verdadeira do motim?

[111]O homem respondeu:

[112]- A causa verdadeira do motim foi a [113]falta de luz nos vagões.

[114]O delegado olhou firme nos olhos do [115]passageiro e continuou:

[116]- Quem encabeçou o movimento?

[117]Em meio da ansiosa expectativa dos [118]presentes o homem revelou:

[119]- Quem encabeçou o movimento foi um [120]cego!

[121]Quis jurar sobre a Bíblia mas foi [122]imediatamente recolhido ao xadrez porque [123]com a autoridade não se brinca.

(Antônio de Alcântara Machado. Coleção Nossos

Clássicos. v. 57. p. 38-43. Adaptação.)

19 - (UECE)

A escritura literária de Alcântara Machado é marcada por elementos que provocam mais o riso do que a gargalhada. Ele consegue esse efeito, com muita freqüência, por meio de recursos lingüísticos, mas também por meio de situações inusitadas. Nas colunas abaixo, vêm os recursos empregados no conto em estudo (coluna 1) e as respectivas explicações (coluna 2). Numere, então, a coluna 2 de acordo com a coluna 1.

Coluna 1

1. Assobiou uma valsa (dessas que vão subindo, vão subindo e depois descendo, vêm descendo). (refs. 30-32)
2. Claríssimo que não compreendia bem. (refs. 41-42)
3. E a luz não foi feita. (ref. 58)
4. A turba ignara fará valer seus direitos sem ele. (refs. 76-77)
5. Quem encabeçou o movimento foi um cego! (refs. 119-120)

Coluna 2

( ) O emprego de expressões de significações opostas em uma mesma construção, sugerindo um contra-senso ou absurdo.

( ) A introdução de um termo erudito em um discurso que vinha mantendo o estilo popular.

( ) A explicação de uma teoria de caráter científico por meio de um discurso próprio do senso comum.

( ) A intertextualidade entre uma escritura de estilo e temática populares e uma escritura de estilo e temática nobres.

( ) Uma personagem que apresenta uma contradição do tipo pensamento vs. ação; essência vs. aparência, ou qualquer outra do gênero.

Assinale a opção que apresenta a seqüência correta, de cima para baixo.

a) 5, 3, 1, 2, 4

b) 2, 4, 1, 3, 5

c) 1, 3, 5, 2, 4

d) 2, 4, 5, 3, 1

TEXTO: 4 - Comum à questão: 20

Considere o poema de Luís Delfino (1834-1910) e a reprodução de um mosaico da Catedral de Monreale.

Jesus Pantocrátor [1]

Há na Itália, em Palermo, ou pouco ao pé, na igreja

De Monreale, feita em mosaico, a divina

Figura de Jesus Pantocrátor: domina

Aquela face austera, aquele olhar troveja.

Não: aquela cabeça é de um Deus, não se inclina.

À árida pupila a doce, a benfazeja

Lágrima falta, e o peito enorme não arqueja

À dor. Fê-lo tremendo a ficção bizantina[2]*.*

Este criou o inferno, e o espetáculo hediondo

Que há nos frescos[3] *de Santo Stefano Rotondo*[4]*;*

Este do mundo antigo espedaçado assoma...

Este não redimiu; não foi à Cruz: olhai-o:

Tem o anátema[5] *à boca, às duas mãos o raio,*

E em vez do espinho à fronte as três coroas de Roma.

(Luís Delfino. *Rosas negras*, 1938.)

(1) *Pantocrátor*: que tudo rege, que governa tudo.

(2) *Bizantina*: referente ao Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.) e às manifestações culturais desse império.

(3) *Fresco*: o mesmo que *afresco,* pintura mural que resulta da aplicação de cores diluídas em água sobre um revestimento ainda fresco de argamassa, para facilitar a absorção da tinta.

(4) *Santo Stefano Rotondo*: igreja erigida por volta de 460 d.C., em Roma, em homenagem a Santo Estêvão (*Stefano*, em italiano), mártir do cristianismo.

(5) *Anátema*: reprovação enérgica, sentença de maldição que expulsa da Igreja, excomunhão.

Figura de Cristo Pantocrátor



(Catedral de Monreale, Itália.)

20 - (UNESP SP)

À árida pupila a doce, a benfazeja / lágrima falta.

A inversão das posições usuais dos termos da oração, provocada pela necessidade de completar o número de sílabas e obedecer às posições dos acentos tônicos nos versos, por vezes dificulta a percepção das relações sintáticas entre esses termos. É o caso da oração destacada, que ocupa o sexto e parte do sétimo versos. Em discurso não versificado, essa oração apresentaria usualmente a seguinte disposição de termos:

a) A doce, a benfazeja lágrima falta à árida pupila.

b) A doce, a benfazeja pupila falta à árida lágrima.

c) Falta a lágrima a doce, a benfazeja à árida pupila.

d) Falta à pupila a árida, a doce, a benfazeja lágrima.

e) À pupila doce a lágrima, a árida, a benfazeja falta.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 21

Uma pesquisa feita sobre a escolha do curso de Medicina indica que são muitos os fatores conscientes determinantes de **tal** decisão, **como** a influência familiar, o desejo **de independência financeira**, a identificação pessoal com o curso, além do *status* profissional e da vontade de ajudar as pessoas. Aliados a esses aspectos estão os fatores de natureza inconsciente.

Alguns autores enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional, já que o ideal médico deve constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício.

Após o sucesso no concorrido processo seletivo, o estudante chega à faculdade com a expectativa de que não **haverá mais** angústias ou exigências e de que, pelo contrário, a faculdade será o lugar adequado ao desenvolvimento das habilidades necessárias à prática profissional. Essa expectativa é corroborada pela recepção dada pelos veteranos, além do entusiasmo da família, **que se** orgulha por ter um de seus membros **como** estudante de Medicina.

Depois da fase de euforia, o estudante passa a vivenciar o curso de Medicina por meio de aulas, disciplinas e professores. O contato com o paciente traz para o estudante uma série de temores, **que** são justificáveis pela falta de experiência e pela insegurança na prática médica. A superação dessas dificuldades depende, em grande parte, da relação estabelecida entre professor e aluno, pois é durante a formação acadêmica que **se** deve procurar desenvolver nos alunos os recursos necessários para **lidar** com a dimensão humana da relação terapêutica.

Às vezes, **surge** o desencanto pelo curso e uma infinidade de queixas – volume excessivo de provas, aulas monótonas e professores desatualizados, contato desgastante com pacientes terminais e com a morte. Além disso, observa-se que, durante a formação médica, os momentos angustiantes são vividos, muitas vezes, de modo solitário.

Diante de tal situação, cada vez **mais**, as escolas médicas reconhecem a necessidade de **oferecer** assistência psicológica a estudantes de Medicina, destacando a importância de existir um ambiente acolhedor para auxiliar os jovens **a superar suas angústias**.

MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz *et al*. Revista Brasileira de Educação Médica. Disponível em:<http://www.scielo.br/cielo. php?pid=s0100-55022006000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 jun. 2012. Adaptado.

21 - (Unifacs BA)

"*Alguns autores enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional, já que o ideal médico deve constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício.*" (*ref*. 5-10)

A reestruturação do período que mantém o seu sentido original é o indicado na alternativa

01. *Ainda que o ideal médico deva constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, alguns autores enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

02. *Alguns autores enfatizam que, quando o ideal médico se constituir na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, o indivíduo deve escolher ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

03. *Como o ideal médico deve constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, alguns autores enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

04. *À proporção que o ideal médico se constitua na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, alguns autores enfatizam que o indivíduo deve escolher ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

05. *Alguns autores, para que o ideal médico deva constituir-se na vontade de socorrer, no amor ao próximo e no espírito de sacrifício, enfatizam que o indivíduo escolhe ser médico pelo desejo de ajudar ou por vocação profissional.*

TEXTO: 6 - Comum à questão: 22

[1] Sabe-se que dietas com alta densidade [2] energética, ricas em gorduras (particularmente as [3] de origem animal) e pobres em fibras alimentares, [4] associadas à redução da atividade física, ao [5] tabagismo e ao consumo excessivo de álcool [6] podem explicar parte substancial dos casos de [7] algumas doenças crônicas como, por exemplo, a [8] obesidade, as doenças cardiovasculares, o [9] diabetes mellitus e a síndrome metabólica, tanto [10] em países desenvolvidos como em [11] desenvolvimento.

[12] Neumann et al., em estudo transversal realizado [13] no Município de São Paulo, Brasil, encontraram [14] associações positivas e estatisticamente [15] significantes entre maior risco cardiovascular e [16] padrões de consumo de alimentos caracterizados, [17] entre outros, pela maior ingestão habitual de [18] açúcares, gorduras saturadas, sal de adição e [19] álcool.

[20] Como apontaram Alves et al., Lenz et al. e Hu, [21] em estudos epidemiológicos em que se pretende [22] investigar o papel da dieta no desenvolvimento de [23] doenças crônicas, a avaliação dos padrões de [24] consumo de alimentos apresenta vantagens em [25] relação ao procedimento tradicional que considera [26] apenas a ingestão dos nutrientes, isoladamente. [27] Tal abordagem permite, com maior facilidade, [28] estabelecer estratégias factíveis para a prevenção [29] ou tratamento das doenças.

[30] Diversos fatores interferem nas opções [31] alimentares de indivíduos ou populações, entre [32] eles, os biológicos (sexo, idade, etnia), [33] socioeconômicos (renda e escolaridade) e de [34] estilo de vida (tabagismo, atividade física). Além [35] disso, como mostraram Levy-Costa et al. e Sichieri [36] et al., a disponibilidade local/regional de alimentos [37] tem papel importante na definição de tais padrões, [38] indicando que variáveis relacionadas [39] exclusivamente ao indivíduo não são suficientes [40] para explicá-los.

[41] Assim, dentro desse contexto, o presente [42] estudo teve como objetivos descrever os padrões [43] de consumo de alimentos mais frequentemente [44] encontrados entre residentes no Município de [45] Ribeirão Preto, São Paulo, e identificar quais [46] fatores se associam a eles (sociodemográficos, de [47] estilo de vida e de saúde).

Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 27(3):533-545, mar, 2011. Adaptado.

22 - (USP Faculdade de Saúde Pública SP)

No segundo parágrafo do excerto, do ponto de vista da inteligibilidade e do conteúdo informativo do texto, seria dispensável o emprego das seguintes palavras:

a) “em (...) transversal”. (Ref. 12)

b) “positivas e”. (Ref. 14)

c) “e estatisticamente”. (Ref. 14)

d) “de alimentos”. (Ref. 16)

e) “de adição”. (Ref. 18)

TEXTO: 7 - Comum à questão: 23

Nós, escravocratas

[1] Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: [2] o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em [3] agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no [4] Brasil.

[5] Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: "Acabar com a escravidão não basta. [6] É preciso acabar com a obra da escravidão", como lembrou na semana passada Marcos Vinicios [7] Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, [8] sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem [9] casa, sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de [10] qualidade.

[11] Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos [12] escravocratas.

[13] Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da [14] família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala. [15] Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento [16] decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, [17] escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos [18] que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

[19] Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez [20] de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos [21] investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque [22] construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que [23] foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo [24] tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. Antes, com a proibição do tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da abolição plena.

Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidez de não abolirmos a escravidão. Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos condenados à falta de educação.

CRISTOVAM BUARQUE

Adaptado de http://oglobo.globo.com, 30/01/2000.

23 - (UERJ)

No desenvolvimento da argumentação, o autor enumera razões específicas, facilmente constatadas no cotidiano, para sustentar sua opinião, anunciada no título, de que todos nós seríamos ainda escravocratas.

Esse método argumentativo, que apresenta elementos específicos da experiência social cotidiana, para deles extrair uma conclusão geral, é conhecido como:

a) direto

b) dialético

c) dedutivo

d) indutivo

TEXTO: 8 - Comum à questão: 24

Feito em casa

Na era digital, as empresas de tecnologia costumam desbravar novos territórios. No entanto, há duas semanas, uma decisão do Yahoo! causou polêmica: a empresa de tecnologia decidiu banir o home office de todas as suas filiais. A justificativa enviada aos funcionários foi a de que "a velocidade e a qualidade são muitas vezes sacrificadas quando se trabalha em casa".

No Brasil, continua-se a defender a prática, mas com ressalvas: há vários cuidados necessários para torná-la realmente eficiente.

Diego Gomes, paulistano, funcionário de uma instituição bancária, trabalha dois dias por semana em casa. Ele optou pelo trabalho remoto no dia do rodízio de seu carro e na sexta-feira, quando o trânsito é pior.

Apesar de reconhecer os benefícios, ele afirma que precisou tomar precauções para sua produtividade não ser afetada, como criar um ambiente de escritório em casa e conversar com sua família. "[Com a família] precisa ser duro: das 9 h às 18 h, estou trabalhando: não vou ao mercado e não vou consertar chuveiro. Tem que deixar claro."

No banco onde Diego atua, os funcionários que se interessam pelo teletrabalho têm de participar de um workshop e precisam fazer uma autoavaliação. Eles precisam verificar, por exemplo, se trabalham com independência e se sabem cumprir metas diárias ou se sua performance precisa de acompanhamento constante.

As empresas também procuram descartar certos funcionários na hora de escolher quem fará home office. A diretora de RH Edna Bedani afirma que estagiários não devem atuar em casa. “São pessoas em formação, que precisam de orientação”, afirma.

Especialistas também destacam a necessidade de disciplina do profissional que fica em casa. “É preciso manter a rotina como se você fosse para o escritório: acordar, tomar banho, tomar café, vestir-se etc., afirma Jorge Matos, presidente de uma agência especializada em gestão de pessoas e carreiras.

(Felipe Maia com a colaboração de Reinaldo Chaves,
Folha de S. Paulo, 10.03.2013. Adaptado)

24 - (FATEC SP)

Releia o segundo parágrafo do texto.

No Brasil, continua-se a defender a prática, **mas com ressalvas: há** vários cuidados necessários para torná-la realmente eficiente.

O trecho em destaque pode ser substituído, corretamente e sem alteração do sentido do texto, por

a) e com indagações: existe...

b) ou com condições: existem...

c) porém com vantagens: existem...

d) todavia com restrições: existem...

e) embora com exceções: existe...

TEXTO: 9 - Comum à questão: 25

A última lição de Chico Anysio

A última entrevista de Chico Anysio, falecido em março, foi feita em sua casa e não foi para nenhum jornal, rádio ou TV. Com cerca de 40 minutos de duração, foi concedida ao psiquiatra Antônio Geraldo da Silva, presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

Chico havia sido convidado para ser padrinho da campanha "A sociedade contra o preconceito", 5 da ABP, lançada no Congresso Brasileiro de Psiquiatria, ano passado. Devido ao seu estado de saúde e com medo de não comparecer ao evento, fez questão de deixar algumas palavras aos médicos na abertura do congresso, onde seu depoimento foi exibido.

Como sua fala é de grande valia, divido com os leitores algumas de suas últimas palavras. [9] Paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida. "Sem os remédios da psiquiatria, eu não teria feito 20% do que fiz."

O grande Chico Anysio, que divertiu a vida de gerações de brasileiros, sofreu de depressão por anos a fio.

[14] "Depressão é um quadro que só se controla com remédio. O antidepressivo acertou a minha vida. 15 A psiquiatria é fundamental como o ar que eu respiro." A depressão era "um demônio, um gás letal, ela entra e a pessoa não sente que está deprimida. Os outros é que descobrem".

[17] Chico definiu como "criminoso" o preconceito contra as doenças mentais, traduzido pela palavra psicofobia. "Achar que ir ao psiquiatra ainda é coisa de maluco é retrato do preconceito. Depressão é uma coisa, maluquice é outra", comparou.

[20] Chico se revoltou com o descaso com que governos e autoridades lidam com os transtornos mentais e o fornecimento de medicamentos.

"Se é possível ajudar e curar pessoas e isso não é feito, é crime. O governo tem esse dever. Não é favor colocar os remédios psiquiátricos ao alcance dos pobres, é obrigação. É dever do governo.

Remédios psiquiátricos precisam ser gratuitos para quem precisa, assim como já acontece com os soropositivos", propôs.

Ele afirmava que seu grande mal não era a depressão, mas o cigarro. "Meu pulmão foi meu grande adversário. O grande criminoso da minha vida foi o cigarro. Eu venci a depressão porque pude pagar remédios e psiquiatra. A depressão é vencível, é controlável. É só ir ao psiquiatra e tomar os remédios. O cigarro não."

Ele era categórico em afirmar que seu único arrependimento em quase 80 anos de vida era o vício [31] no cigarro. "Sou do tempo em que fumar era coisa de macho. Cary Grant fumava, Humphrey Bogart fumava... Conseguir que uma pessoa pare de fumar significa que ela volte a viver", afirmou emocionado.

Ele foi capaz de um feito raro: parar de fumar sozinho. Mas, infelizmente, já era tarde demais. Os danos ao pulmão e coração eram de tal ordem que muito pouco poderia ser revertido. Antes de falecer, Chico andava com a ideia de criar uma fundação com seu nome para apoiar os estudos de combate ao tabagismo. Infelizmente, não teve tempo.

Ele tinha a dimensão do poder que suas palavras poderiam ter para as vítimas de depressão e tabagismo.

"O humor só existe em países com problemas. Não existe humorista sueco ou finlandês. Do problema nasce o humor. Como humorista, não tenho nenhum poder de consertar uma coisa, mas tenho o dever de denunciá-la. É o que estou fazendo aqui: denunciando a falta de socorro aos doentes mentais no Brasil".

Que o seu contundente relato alcance aqueles que ainda fumam ou questionam os danos que os transtornos mentais não tratados podem causar na vida de quem os sofre, seus familiares e amigos. [46] Se Chico conseguiu diminuir a tristeza de milhões de brasileiros com o sorriso, que ele possa agora diminuir o preconceito contra as doenças psiquiátricas por meio de suas palavras.

(GIGLIOTTI, A. *Folha de São Paulo*, 14/08/2012, 1º caderno, p.3.)

* Analice Gigliotti,48, mestre em psiquiatria pela Unifesp, é médica e sobrinha de Chico Anysio

25 - (FCM MG)

Releia o trecho: “Paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida.” Os trechos abaixo sofreram deslocamento de palavras. O único cuja alteração compromete o sentido do texto é:

a) Orgulhoso paciente do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida.

b) Por quase 25 anos paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida.

c) Orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos, paciente, fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida.

d) Fez questão de explicitar a importância do tratamento psiquiátrico na sua vida, paciente orgulhoso do psiquiatra Marcos Gebara por quase 25 anos.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 26

A sorte do mendigo branco num país que vira a cara para os mendigos negros

Robson Fernando de Souza

No Brasil, a raça ainda é um determinante se a pessoa vai ou não se dar bem na vida. O caso do mendigo branco de olhos azuis de Curitiba é um exemplo emblemático disso.

Uma história em que pobreza, padrão eurocêntrico de beleza e cultura racista se chocam vem movimentando a internet. Um mendigo fotografado em Curitiba está sendo assunto em todo o Brasil, por ser um branco de olhos azuis, “mas” ter sido castigado pela pobreza mendicante. Quando sabemos dessa novidade e a comparamos com a vida de milhares de outros mendigos pelo Brasil, percebemos o quanto a cultura brasileira ainda é muito impregnada de racismo.

O mendigo branco, cujo nome ainda não foi revelado, vive nas ruas de Curitiba e posou para a foto desejando “ser colocado no rádio” para ficar famoso. A fotografia foi posta no Facebook e agora campeia pelo Brasil inteiro, chamando atenção de mulheres e homens. Ora é considerado “lindo de morrer”, com muitas mulheres querendo namorá-lo e abrigá-lo, encantadas com a beleza dele; ora vem sendo candidato às passarelas da moda, como o modelo “dos sonhos” das grifes; ora tem sua mendicância posta em dúvida, principalmente, por ser um branco de olhos azuis, parecido demais com um europeu para ter sua pobreza reconhecida. As opiniões convergem em sua maioria a um ponto: ele é “lindo” demais para continuar mendigo.

E enquanto isso, no mesmo Brasil, inclusive na mesma Curitiba, milhares de negros e pardos padecem de miséria igual ou pior, mas, por sua vez, permanecem tratados como rejeitos da sociedade, como seres dignos de nada mais do que pena ou virada de rostos. Muitos ainda clamam pela mídia, por um pouco de atenção e humanitarismo, e tudo o que conseguem são poucos minutos na TV ou no rádio, algumas doações e, com sorte, uma ajuda de alguma ONG de assistência social ou do órgão oficial de serviço social da prefeitura. Mas praticamente nunca são abraçados pelo padrão cultural de beleza dominante no país, tornados celebridades instantâneas em função de sua aparência física e alçados a modelos “sarados” e adorados.

É aí que começamos a pensar: se fosse um negro de fortes traços africanos ou um mulato, seria prontamente rejeitado em sua demanda de “ser colocado no rádio” ou receber ajuda humanitária, empregatícia e/ou habitacional de algum político ou empresa. Não chamaria a atenção de quase ninguém na internet, exceto de algumas meias-dúzias de moças ou rapazes que gostam da beleza negra. Seria apenas mais um entre milhares de mendigos que vagam pelos centros das cidades do Brasil. Sua foto seria recebida com desdém pela sociedade, e ele voltaria, logo após a fotografia, às ruas, para ali viver por tempo indeterminado, senão para sempre.

Em outras palavras, para nossa sociedade, não é normal ver em mendicância e miséria um branco de aparência europeia. Para ela, brancos merecem muito mais do que isso. Mas, por outro lado, negros nas ruas pedindo esmolas e implorando por dignidade é considerado algo mais que normal. É tradição já.Por que eles merecem ser alçados a modelos a serviço da alta costura? Que se virem, vão trabalhar, procurar um emprego, correr atrás da escola aonde não foram na infância – assim pensa grande parte da sociedade que está agora se compadecendo com o pedinte eurodescendente.

Observando a história e seu contexto, percebemos que a grande sorte do mendigo ainda anônimo foi ser branco de olhos azuis, ter um forte fenótipo eurodescendente – e talvez ser até mesmo um imigrante europeu desabrigado. Sua beleza caiu nas graças do povo, seu nome será revelado a qualquer momento, e agora ele está tendo seu momento de fama e poderá virar um modelo a encantar as grifes e as pessoas que apreciam a beleza masculina. Se fosse negro, sendo ou não um imigrante, seria considerado “feio”, rebaixado a apenas “mais um” e continuaria visto como um mero rejeito a ser tratado como lixo pela sociedade, pelo Estado e por seu braço violento, a polícia.

A verdade é que o sujeito está prestes a subir na vida não tanto por acaso, talento ou esforço. Mas sim porque nossa sociedade é racista e eurocêntrica e, ao mesmo tempo que vira a cara para negros em situação de miséria, se compadece de brancos que estão no mesmo estado. Afinal, ver afrodescendentes pedindo esmola e padecendo nas ruas é “normal”, mas brancos de olhos azuis considerados “bonitões” não.

Se os brasileiros parassem de achar normal haver negros em miséria nas ruas e começassem a apreciar o padrão de beleza deles, passaríamos a ver as passarelas lotadas de exmendigos, fazendo companhia, profissionalmente, ao curitibano.

Este sequer se tornaria a celebridade instantânea que se tornou. Mas se isso não acontece – e, ao invés, a miséria negra é tratada com banalidade –, é porque o racismo, destacadamente em suas vertentes social e estética, continua imperando fortemente e fazendo os brasileiros de todas as cores acharem brancos melhores que negros apenas por terem pele, cabelo e olhos claros.

Disponível em: <http://consciencia.blog.br/2012/10>.
Acesso em: 18 out. 2012. [Adaptado]

26 - (IFGO)

Compare o funcionamento discursivo do elemento de coesão sublinhado nos dois fragmentos a seguir e assinale a alternativa que expressa, respectivamente, o efeito semântico de cada uma das duas ocorrências dessa palavra nesses trechos.

Fragmento 1:

“Se os brasileiros parassem de achar normal haver negros em miséria nas ruas e começassem a apreciar o padrão de beleza deles...” (penúltimo parágrafo)

Fragmento 2:

“Mas se isso não acontece (...) é porque o racismo (...) continua imperando fortemente...” (último parágrafo)

a) Justificação / negação.

b) Injunção / contestação.

c) Previsão / condição.

d) Aconselhamento / confirmação.

e) Negação / previsão.

TEXTO: 11 - Comum às questões: 27, 28

Adesivos de família



A representação das recentes mudanças na família brasileira pode ser vista em lugares distintos, como nas novelas, na literatura moderna e, em um fenômeno recente, nos adesivos colados nos veículos. Uma pesquisa identificou a prática de colar adesivos como uma sensação de pertencimento, uma necessidade de mostrar que não se está sozinho no mundo, ou que, mesmo sozinho, vive-se bem desta maneira. Segundo a pesquisa, cada vez mais os espaços público e privado estão se entrelaçando, **gerando** novas formas de discursividades – sendo os adesivos de família um exemplo disso. Segundo a pesquisa, um aspecto importante é que **há** o estereótipo da família (da 'família feliz'), que **teria** uma constituição pré-determinada (pai-mãe-filho(s)-cachorro) e também o estereótipo de cada um dentro dessa família.

De acordo com a pesquisa, porém, em um curto período de tempo, os adesivos **ganharam** uma complexidade que está além dos estereótipos clássicos. **Foi** o início do processo de customização. Começaram a aparecer famílias com dois homens, duas mulheres, cinco gatos, sete filhos, uma mãe e uma filha, apenas uma pessoa e seus animais de estimação, dentre outros, como forma de enunciar sua família para a sociedade.

Fonte: Romulo Orlandini, Adesivos de família são tendência de formas de enunciação pública. ComCiência: revista eletrônica de

Jornalismo Científico, 21/03/2012. Disponível em: http://www.comciencia.br/comciencia/?section=3&noticia=736. Acesso em: 12 set. 2012. Adaptado.

27 - (IFSC)

Do texto foi alterada a estrutura sintática e morfológica de alguns fragmentos (a ordem dos termos).

Assinale a alternativa que indica **CORRETAMENTE** em que o sentido se mantém inalterado, isto é, o sentido é o mesmo do texto.

a) Mudanças nas recentes representações podem ser vistas em lugares distintos na família brasileira.

b) Ganharam os adesivos uma complexidade que está além dos estereótipos clássicos, em um curto período de tempo.

c) Colar adesivos, na prática, identificou uma pesquisa como uma sensação de pertencimento.

d) Novas formas de discursividades estão se entrelaçando, gerando espaços público e privado.

e) Há um aspecto pré-determinado que o estereótipo da família (da 'família feliz') é que teria uma constituição importante.

28 - (IFSC)

Considerando as palavras <u>fenômeno</u>, <u>privado</u>, <u>discursividades,</u> <u>estereótipo</u> e <u>customização</u>, assinale a alternativa **CORRETA** em que a palavra em destaque mantém o mesmo significado usado no texto.

a) Os brasileiros lamentam a ausência do **Fenômeno** na próxima Copa do Mundo.

b) Ando percebendo que o **estereótipo** do jovem hoje é de alguém imaturo, alienado e pouco pensante.

c) Ninguém mais aguenta as **discursividades** dos políticos quando sobem nos palanques, nos comícios, para falar aos seus eleitores.

d) A natureza agradecerá no dia em que todos tiverem a **customização** de produzir menos lixo ou reciclá-lo adequadamente.

e) Muitos brasileiros são **privados** de seus direitos mais elementares.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 29

A Leste do Sol, Oeste da Lua

Aos trancos e barrancos, remendos e cacos

Chegamos às praias do terceiro milênio.

Com os pés feridos e sujos tocando de leve

o límpido oceano de Aquarius.

Com o enorme peso, o custoso fardo

da técnica sem ética da civilização

Num Mundo tão chato e moderno

atado por invisíveis teias e milhões de cabos.

Na mesma imagem, no mesmo som.

Na mesma moda, na mesma cor.

Na mesma tristeza, no mesmo sonho.

Na mesma burrice, no mesmo riso a mesma dor!

Perdemos todas as lições da História.

Em resumo: são vinte mil anos de guerras.

E em nome da tal liberdade

só fogueiras, cadeias, misérias.

E como é curta a nossa memória,

o que sabemos de lemúria[1] e Atlantis?

E assim como os Impérios passaram

Passarão as nossas cidades.

E sobre a noite dos tempos,

a luz vigilante da estrela nos diz:

Se quem tem boca vai à Roma,

quem tem coração irá à Andromêda[2]!

Eu sei de um lugar ao Norte do Cruzeiro do Sul

Do lado direito daquela estrela azul.

A Leste do Sol, Oeste da Lua

Guitarras e violinos cantam

Sai de casa vem brincar na rua

nas ruas deste grande País

O nome desse País reluz

O nome desse País: Amor

Quem pode dizer o nome desse grande País?

Marcos Viana. Disco Sagrado Coração da Terra

VOCABULÁRIO

1. Lemúria: é um dos continentes extintos, considerados por muitos como o paraíso perdido, igualmente existe Atlântida, outro continente perdido. Assim, Lemúria virou muito mais que um mito, uma possibilidade teórica sobre hipóteses do segredo da formação das civilizações no mundo.
2. Andrômeda ou Andrómeda: é a princesa mitológica Andrômeda, é uma constelação do hemisfério celestial norte.

29 - (UEPA)

O trecho “quem tem coração irá à Andrômeda!” poderia ser substituído, respeitado o mesmo significado, pelo dito popular:

a) quem tudo quer, tudo perde.

b) água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

c) casa de ferreiro, espeto de pau.

d) quem quer, faz; quem não quer, manda.

e) ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 30

Texto I

Ninguém mora onde não mora ninguém

[1] Nas grandes cidades, pessoas que não têm onde [2] morar são contraditoriamente chamadas de “moradores” de rua. [3] É um eufemismo que acoberta o quadro da injustiça social típica [4] das sociedades em fase de capitalismo selvagem, aquele no qual [5] a eliminação do outro é a regra. Que tantos e cada vez mais [6] vivam nas ruas é uma prova de que o famoso instinto gregário do [7] ser humano se esfacela, ou assume formas cada vez mais [8] enganadoras, porquanto mais voláteis em uma sociedade que é,[9] ao mesmo tempo, de massas e de indivíduos que não têm a[10] menor noção do que significa o outro.

[11] O aumento das relações virtuais em detrimento das [12] relações “atuais” é a própria perversão das massas marcadas [13] pela anulação física individual em nome de um eu abstrato, [14] sustentado

apenas como imagem, como avatar, e que tem como [15] correspondente um outro reduzido à sua mera abstração. Há, [16] certamente, exceções para a regra da distância com que o eu [17] mede o outro

[18] Dizem as pesquisas que o número de pessoas vivendo [19] sem teto cresceu nos últimos anos por causa do desemprego. E [20] são milhares. Motivos além do desemprego podem confundir[21] quanto ao sentido (e o sem sentido) da complexa experiência [22] vivida por essas pessoas. Afinal, pode-se encontrar entre os que [23] vivem nas ruas até mesmo quem não se sente em situação de [24] injustiça social..

[25] A população das ruas das grandes cidades é composta [26] de habitantes (ou desabitantes) provisórios ou não, que estão ali [27] por motivos diversos. Muitas vezes são afetivos. Não é raro [28] encontrar ricas histórias de vida entre as pessoas sem morada, [29] desde aquele que renunciou à vida burguesa por considerá-la [30] insuportável, até quem, por meio de inesperadas leituras [31] filosóficas, criou um significado para o ato de "habitar" a [32] transitoriedade, ou seja, "desabitar" instransitivamente e estar [33] assim, na mera existência.

[34] Que não habitar uma casa possa significar uma [35] experiência existencial é, no entanto, apenas a exceção que [36] confirma a regra da contemporânea injustiça social a cuja base [37] racional e afetiva tantos entregam as forças. Renunciar, desistir, [38] jogar a toalha, permitir-se a impotência como o Bartleby, de [39] Melville, ou o fracasso, como um dia afirmou J. L. Borges, pode [40] ser o único modo de viver em um mundo marcado pela [41] melancolia e pelo sem sentido em termos políticos, estéticos e [42] metafísicos.

[43] O cenário social contemporâneo é o espaço e o tempo [44] dessa possibilidade de fracasso que diz respeito à potencialidade [45] mais profunda de nossos tempos. É a forma mais terrível do mal, [46] a da banalização que se estabelece na vida humana como força [47] lógica. Como um "deixar acontecer", ao qual damos o nome de [48] "abandono", esse ato de exílio, de ostracismo, de curiosa rejeição [49] sem ação. A mendicância das pessoas é apenas a verdade [50] íntima do capitalismo como mendicância da própria política [51] deixada a esmo em nome de antipolíticos interesses pessoais. A [52] mendicância é a imagem social das escolas, dos hospitais [53] públicos, do salário mínimo.

[54] "Moradores de rua" são a figura mais perfeita do [55] abandono que está no imo da devoração capitalista. Convive-se [56] com eles nos bairros elegantes das cidades grandes como se [57] fossem um

estorvo ou, para quem pensa de um modo mais humanitário, como um problema social a ser resolvido filantropicamente. Alguns moram em lugares específicos, têm sua "própria" esquina, carregam objetos de uso aonde quer que vão; outros perambulam a esmo, desaparecendo da vista de quem tem onde morar. São meras fantasmagorias aos olhos de quem não é capaz de supor sua alteridade. Esmagados pela contradição de morar onde não mora ninguém, não têm o direito de ser alguém. Partilham o deslugar. E, no entanto, praticam o mesmo que os outros dentro de suas casas: dormem, comem, fazem sexo. A condição humana é o que se divide por paredes ou na ausência delas. A democracia torna-se uma questão de nudez e exposição da vida íntima.

Ninguém "mora na rua"; antes, quem está na rua não mora. Quem está fora dos básicos direitos constitucionais está excluído da sociedade. E, muito mais além da Constituição, está excluído pelo próprio *status* com que é medido. O *status* de "morador de rua" é apenas um modo de incluir os excluídos na ordem do discurso acobertadora do fascismo prático de cada dia, oculto sob o véu da autista sensibilidade burguesa. Se o princípio de autoconservação a qualquer custo é a base da ação de indivíduos unidos na massa, está imediatamente perdida a dimensão do outro sem a qual não podemos dizer que haja ética ou política. Mesmo sob o *status* de morador de rua, o mendigo da nossa esquina é a prova do fracasso de todos os sistemas. Se as estatísticas não mudarem comprovando que a tendência da exceção pode ser a regra, talvez a democracia de teto e paredes não sirva mais a ninguém em breve. Só que às avessas.

TIBURI, Márcia. Ninguém mora onde não mora ninguém. **Cult**, São Paulo, n. 155, mar. 2011. Disponível em: <revistacult.uol.com.br/home/2011/03/ninguem-mora-onde-não-moraninguem/>. Acesso em: 06 fev. 2012. (Adaptado)

Texto II

Moradores de rua têm cercado para o Galo da Madrugada

Postado às 21:37, em 7 de fevereiro de 2013.



Foto: Alexandre Lopes/Especial para o Blog

Um cercado foi "montado" por moradores de rua para o desfile do Galo da Madrugada, neste sábado (9). A família, que tem uma "casa" em frente ao antigo edifício Trianon, na Boa Vista, área central do Recife, fez (ou fizeram para ela) uma área isolada por fita para se proteger da multidão. [...]

Disponível em: <http://jc3.uol.com.br/blogs/blogjamildo/canais/noticias/2013/02/07/moradores_de_rua_tem_cerca do_para_o_galo_da_madrugada_145763.php>. Acesso em: 10 fev. 2013. (Adaptado.)

Texto III

Viaduto proibido



Disponível em: <http://charges.uol.com.br/upload/bobagens/viadutoproibido.jpg>. Acesso em: 10 fev. 2013.

Texto IV

Morador de rua



Disponível em: <http://i1.wp.com/quemtemmedodademocracia.com/wpcontent/uploads/2011/10/morador-de-rua1.jpg>. Acesso em: 10 fev. 2013.

“[...] Que não habitar uma casa possa significar uma experiência existencial é, no entanto, apenas a exceção que confirma a regra da contemporânea injustiça social a cuja base racional e afetiva tantos entregam as forças. [...]” (Refs. 34 a 37), “[...]o fracasso, como um dia afirmou J. L. Borges, pode ser o único modo de viver em um mundo marcado pela melancolia e pelo sem sentido em termos políticos, estéticos e metafísicos. O cenário social contemporâneo é o espaço e o tempo dessa possibilidade de fracasso que diz respeito à potencialidade mais profunda de nossos tempos.[...]” (Refs. 39 a 45) e “[...] Mesmo sob o *status* de morador de rua, o mendigo da nossa esquina é a prova do fracasso de todos os sistemas. [...]” (Refs. 80 a 81).

(Fragmentos retirados do texto I).

30 - (UFT TO)

Assinale a opção CORRETA a respeito dos sentidos que as palavras assumem no texto I:

a) O vocábulo “gregário” (Ref. 6) remete à “segregação”, ou seja, ao instinto do homem de separar, de marginalizar as minorias sociais.

b) “Eufemismo” (Ref. 3) significa contraditório e, sem prejuízo do sentido, poderia ser substituído pelo termo “incoerência”, pois os moradores de rua são o retrato da injustiça social.

c) O vocábulo “mendicância” (Ref. 52), associado a escolas, hospitais e salário mínimo, diz respeito ao fato de haver muitos pedintes em frente a instituições de ensino, de saúde e bancárias.

d) A expressão “em detrimento” (Ref. 11) demarca a igualdade e concomitância entre relações virtuais _ hoje tão comuns, mediadas pela tecnologia da informação _ e relações “atuais” (Ref. 12).

e) O termo “filantropicamente” (l. 59) foi usado com certo teor irônico, tendo em vista que, nesse contexto, a filantropia não é algo bom, pois significa resolver o problema por caridade, por mero humanitarismo.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 31

Para alguém conhecido, no início da carreira, como “o peru que fala”, graças à vermelhidão causada pela timidez diante do auditório, Silvio Santos passou por uma notável transformação nos 50 anos à frente do programa que leva seu nome. Hoje, está totalmente sem vergonha.

Só nos últimos meses, perdeu as calças no ar (e deixou a cena ser exibida), constrangeu convidados com comentários irônicos e maldosos e vem falando palavrões e piadas sexuais em seu programa. Está, como se diz na gíria, “soltinho” aos 81 anos.

(Marco Aurélio Canônico. O rei está nu. *Folha de S.Paulo*, 19.08.2012.)

31 - (Unicastelo SP)

Ambiguidade é o duplo sentido causado pela má construção da frase. Entretanto, em alguns casos, a ambiguidade pode ser construída pelo autor, de forma proposital, com a intenção clara de chamar a atenção para uma dupla possibilidade interpretativa.

Essas observações permitem afirmar que, no texto acima, ocorre ambiguidade na expressão:

a) “*piadas sexuais*”, consequência de desvios involuntários do autor quanto à coerência.

b) “*soltinho*”, na qual as aspas foram usadas para permitir que ela seja lida em sentido próprio e figurado.

c) “*perdeu as calças*”, que não é compreendida pelo leitor, devido ao uso inadequado do verbo.

d) “*o peru que fala*”, como resultado da má construção da frase, do ponto de vista sintático.

e) “*sem vergonha*”, empregada com a intenção estilística de sugerir dupla interpretação.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 32

Leia trechos da entrevista do médico Raul Cutait à revista *Veja*.

Só não errou o cirurgião que nunca operou. Errar é parte de qualquer atividade humana, em especial quando em fases iniciais de aprendizado. O que todo médico deve ter em mente é que cada resultado indesejado precisa motivar uma intensa reflexão, começando pela pergunta mais crua: será que errei? Eu poderia ter tomado alguma decisão diferente? O que será preciso fazer para evitar que esse evento indesejado ocorra no futuro em uma situação semelhante? Essas perguntas refletem humildade, virtude que tanto se ensina cultivar nas escolas de medicina, mas que raramente se vê sendo praticada no cotidiano dos médicos. A humildade é o instrumento mais eficaz na escolha da conduta médica mais adequada, porque ela coíbe a onipotência.

Estamos vivendo um momento especialmente perigoso. O Brasil tem 185 faculdades de medicina em funcionamento. Boa parte delas não tem condições básicas de oferecer cursos de medicina de qualidade. O governo falhou clamorosamente ao permitir que esses cursos fossem abertos e falha ao permitir que eles continuem em funcionamento. São escolas sem corpo docente qualificado e sem estrutura hospitalar adequada ao ensino. Por isso, é insuficiente o número de vagas para a residência, etapa fundamental na qualificação do médico. Apenas 60% dos médicos formados hoje tiveram acesso à residência médica. É justamente na residência médica, sob a coordenação de um profissional experimentado, que se tem contato com as melhores práticas. A partir dessa etapa, cada um voará de acordo com sua competência, interesse e dedicação.

(*Veja*, 25.01.2012. Adaptado.)

32 - (Unifev SP)

Assinale a alternativa cuja frase contém termo empregado com sentido figurado.

a) *São escolas sem corpo docente qualificado e sem estrutura hospitalar adequada ao ensino.*

b) *É justamente na residência médica, sob a coordenação de um profissional experimentado, que se tem contato com as melhores práticas.*

c) *Por isso, é insuficiente o número de vagas para a residência, etapa fundamental na qualificação do médico.*

d) *Boa parte delas* [faculdades de medicina] *não tem condições básicas de oferecer cursos de medicina de qualidade.*

e) *A partir dessa etapa, cada um voará de acordo com sua competência, interesse e dedicação.*

TEXTO: 16 - Comum à questão: 33

[1] Fui criado com princípios morais comuns. Quando [2] eu era pequeno, mães, pais, professores, avós, tios, [3] vizinhos eram autoridades dignas de respeito e [4] consideração. Quanto mais próximos ou mais velhos, [5] mais afeto. Inimaginável responder de forma mal educada [6] aos mais velhos, professores ou autoridades… [7] Confiávamos nos adultos, porque todos eram pais, mães [8] ou familiares das crianças da nossa rua, do bairro, ou [9] da cidade… Tínhamos medo apenas do escuro, dos [10] sapos, dos filmes de terror…

[11] Hoje me deu uma tristeza infinita por tudo aquilo [12] que perdemos. Por tudo o que meus netos, um dia, [13] ,enfrentarão. Pelo medo no olhar das crianças, dos [14] jovens, dos velhos e dos adultos. Direitos humanos para [15] criminosos, deveres ilimitados para cidadãos honestos. [16] Não levar vantagem em tudo significa ser idiota. Pagar [17] dívidas em dia é ser tonto… Anistia para corruptos e [18] sonegadores… O que aconteceu conosco? Professores [19] maltratados nas salas de aula, comerciantes ameaçados [20] por traficantes, grades em nossas janelas e portas. Que [21] valores são esses? Automóveis que valem mais que [22] abraços, filhas querendo uma cirurgia como presente [23] por passar de ano. Celulares nas mochilas de crianças. [24] O que vais querer em troca de um abraço? A diversão [25] vale mais que um diploma. Uma tela gigante vale mais [26] que uma boa conversa. Mais vale uma maquiagem que [27] um sorvete. Mais vale parecer do que ser… Quando foi [28] que tudo desapareceu ou se tornou ridículo?

[29] Quero arrancar as grades da minha janela para [30] poder tocar as flores! Quero me sentar na varanda e [31] dormir com a porta aberta nas noites de verão! Quero a [32] honestidade como motivo de orgulho. Quero a vergonha [33] na cara e a solidariedade. Quero a retidão de caráter, a [34] cara limpa e o olhar olho no olho. Quero a esperança, a [35] alegria, a confiança! Quero calar a boca de quem diz: [36] “temos que estar ao nível de…”, ao falar de uma pessoa. [37] Abaixo o “TER”, viva o “SER”. E viva o retorno da [38] verdadeira vida, simples como a chuva, limpa como um [39] céu de primavera, leve como a brisa da manhã! E [40] definitivamente bela, como cada amanhecer. Quero ter [41] de volta o meu mundo simples e comum, onde existam [42] amor, solidariedade e fraternidade como bases. Vamos [43] voltar a ser “gente”. Construir um mundo melhor, mais [44] justo, mais humano, onde as pessoas respeitem as [45] pessoas. Utopia? Quem sabe?… Precisamos tentar… [46] Quem sabe comecemos a caminhar transmitindo essa [47] mensagem… Nossos filhos merecem, e nossos netos 48 certamente nos agradecerão!

JABOR, Arnaldo. Fui criado com princípios morais comuns. Disponível em:
< http://pensador.uol.com.br/autor/arnaldo_jabor/3/>. Acesso em: 18 set. 2012

33 - (Unifacs BA)

Do ponto de vista semântico, a informação **sem suporte no texto** é a que diz respeito ao termo transcrito na alternativa

01. “tristeza” (*Ref*. 11) se contrapõe a “alegria” (*Ref*. 35).
02. “grades em nossas janelas e portas” (*Ref*. 20) reflete a sensação de “medo” (*Ref*. 9).
03. “retidão de caráter” (*Ref*. 33) mantém relação de sentido com “honestidade” (*Ref*. 32) e “vergonha na cara” (*Ref*. 32-33).
04. “cara limpa” (*Ref*. 34), nesse caso, traduz as ideias expressas por “simples” (*Ref*. 38), “leve” (*Ref*. 39) e “bela” (*Ref*. 40).
05. “olhar olho no olho” (*Ref*. 34) pressupõe uma atitude de destemor, em face da “confiança” (*Ref*. 35).

TEXTO: 17 - Comum à questão: 34

Querendo que dê certo

Querer que dê certo a gente sempre quer: a nova turma na escola, o novo amigo, o vestibular, o primeiro emprego, o casamento, o filho, a decisão inescapável, o necessário e o fútil, a segurança e a aventura. Os planos do novo ano. Os desejos bons e também os menos nobres, de que alguém se ferre, que para ele dê errado — porque não somos santos. A construção da vida, tanta coisa. As pessoas queridas. O livro, o carro, o amor ou até a separação. A sobrevivência depois da morte de alguém especial. Que dê certo também o que nem é pessoal, mas a todos atinge: o país, a democracia, a qualidade de vida, a dignidade de todos, a redução da desigualdade, o nível do ensino, da saúde, os cuidados com a seca, com a enchente, com os deslizamentos, com os horrores da saúde pública, com o excesso de faculdades pelo país, a insensatez das cotas que promovem a discriminação e o preconceito, e marcam como incompetentes os que se beneficiam delas. Que, às vezes, nem têm outro jeito, pois nivelamos por baixo: facilitamos as coisas em lugar de dar aos que precisam melhores condições, condições ótimas: isso seria o sensato. Mas somos insensatos; então, torcemos para que, apesar de tudo, dê certo.

Agora nos oferecem mais planos, projetos, pacotes, para que, finalmente, o país deslanche do seu marasmo, que pacotes anteriores não sacudiram direito. Eu quero muito que deem certo esses novos projetos. Estradas e ferrovias, para começar, pois o nosso transporte é mais um inqualificável fator do nosso inqualificável atraso. Portos e aeroportos. Espero que se incluam também saúde, ensino, segurança, que andamos cada vez mais violentos e todas as notícias negativas, que são muitas, saem mundo afora preparando os espíritos para 2016. Que sejam projetos inteligentes e possíveis; que tenham à frente gente supercompetente, embora competência seja mercadoria rara por aqui. Há gente demais improvisando; viramos o país do improviso, do puxadinho, do jeitinho, do palpite? Os muito competentes podem nem querer certos cargos e encargos. Sobretudo se ligados à política: aí tudo se complica, os jogos de poder, os postos dados por interesse, não por preparo e capacidade, tanta trama que nem conhecemos direito, mas de que sabemos o suficiente para ficar de cabelos em pé. O melhor seria não saber, assim a gente se salvaria? Seja como for, eu, mesmo assim, me interesso extraordinariamente por este país.

Resta saber o que é “dar certo”. Um plano com bons projetos é um comecinho. Predominarem boas intenções será dar um pouquinho certo (tudo em diminutivos por enquanto). Ficar em mãos experientes e competentes, sem amadorismo, será dar bastante certo. Passar da utopia para entrar na realidade, com seriedade, seria ou será dar supercerto. Se tudo sair medianinho, já vai ser um avanço. Chegar a termo será quase um milagre: a gente não vê muito disso por aqui. Não acredito cegamente, pelo que temos experimentado de grandes palavras, grandes planos — e grande esquecimento. Mas eu quero, eu torço, eu apoio, eu espero, eu observo… e,

quando puder, eu comento. Que eu possa comentar só coisas boas, coisas positivas e concretas, e dizer: “Finalmente está dando certo, viva a gente brasileira”.

LUFT, Lya. Querendo que dê certo. **Veja**, São Paulo: Abril, ed. 2284, ano 45, n. 35, p. 24, 29 ago. 2012. Adaptado.

34 - (Unifacs BA)

Quanto ao processo de composição do texto, é correto afirmar que ele apresenta

01. o predomínio de uma linguagem metafórica, ao fazer referência a fatos políticos de que a autora afirma ter o mais amplo conhecimento possível.
02. a adoção de uma forma de argumentação baseada na desconstrução de utopias, tentando levar o leitor a uma reflexão mais criteriosa sobre a realidade brasileira.
03. um discurso voltado para a necessidade da manutenção de pensamentos positivos em torno do sucesso dos novos planos socioeconômicos criados para o Brasil.
04. uma abordagem temática apoiada em frases desiderativas, visando explicitar a opinião da articulista sobre o assunto enfocado e suas dúvidas sobre a efetiva realização das novas metas voltadas para o desenvolvimento brasileiro.
05. uma estrutura fundamentada em princípios éticos e morais, procurando deixar evidente para o público leitor a importância da seriedade e do respeito ao outro por parte do agente social a fim de que a cidadania no país se fortaleça cada vez mais.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 35

Leia o poema de Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Importuna Razão, não me persigas

Importuna Razão, não me persigas;

Cesse a ríspida voz que em vão murmura,

Se a lei de Amor, se a força da ternura,

Nem domas, nem contrastas, nem mitigas.

Se acusas os mortais, e os não obrigas,

Se, conhecendo o mal, não dás a cura,

Deixa-me apreciar minha loucura;

Importuna Razão, não me persigas.

É teu fim, teu projeto encher de pejo

Esta alma, frágil vítima daquela

Que, injusta e vária, noutros laços vejo.

Queres que fuja de Marília bela,

Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo

É carpir, delirar, morrer por ela.

(Poesia Arcádica, 1985.)

35 - (UNIVAG MT)

Assinale a alternativa em que os termos em destaque no verso do poema pertencem a diferentes classes de palavras.

a) Se, conhecendo o **mal**, não dás a **cura**,

b) Se acusas **os** mortais, e **os** não obrigas,

c) Deixa-**me** apreciar **minha** loucura;

d) Esta **alma**, frágil **vítima** daquela

e) **Cesse** a ríspida voz que em vão **murmura**,

TEXTO: 19 - Comum às questões: 36, 37

A máquina extraviada

Você sempre pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante. Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente, que está entusiasmando todo o mundo. Desde que ela chegou – não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar datas – quase não temos falado em outra coisa; e da maneira como o povo aqui se apaixona até pelos assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado por causa dela, a não ser os políticos.

A máquina chegou uma tarde, quando as famílias estavam jantando ou acabando de jantar, e foi descarregada na frente da Prefeitura. Com os gritos dos choferes e seus ajudantes (a máquina veio em dois ou três caminhões) muita gente cancelou a sobremesa ou o café e foi ver que algazarra era aquela. Como geralmente acontece nessas ocasiões, os homens estavam mal-humorados e não quiseram dar explicações, esbarravam propositalmente nos curiosos, pisavam-lhes os pés e não pediam desculpa, jogavam as pontas de cordas sujas de graxa por cima deles, quem não quisesse se sujar ou se machucar que saísse do caminho.

Descarregadas as várias partes da máquina, foram elas cobertas com encerados e os homens entraram num botequim do largo para comer e beber. Muita gente se amontoou na porta mas ninguém teve coragem de se aproximar dos estranhos porque um deles, percebendo essa intenção nos curiosos, de vez em quando enchia a boca de cerveja e esguichava na direção da porta. Atribuímos essa esquiva ao cansaço e à fome deles e deixamos as tentativas de aproximação para o dia seguinte; mas quando os procuramos de manhã cedo na pensão, soubemos que eles tinham montado mais ou menos a máquina durante a noite e viajado de madrugada.

A máquina ficou ao relento, sem que ninguém soubesse quem a encomendou nem para que servia. É claro que cada qual dava o seu palpite, e cada palpite era tão bom quanto outro.

As crianças, que não são de respeitar mistério, como você sabe, trataram de aproveitar a novidade. Sem pedir licença a ninguém (e a quem iam pedir?), retiraram a lona e foram subindo em bando pela máquina acima – até hoje ainda sobem, brincam de esconder entre os cilindros e colunas, embaraçam-se nos dentes das engrenagens e fazem um berreiro dos diabos até que apareça alguém para soltá-las; não adiantam ralhos, castigos, pancadas; as crianças simplesmente se apaixonaram pela tal máquina.

Contrariando a opinião de certas pessoas que não quiseram se entusiasmar, e garantiram que em poucos dias a novidade passaria e a ferrugem tomaria conta do metal, o interesse do povo ainda não diminuiu. Ninguém passa pelo largo sem ainda parar diante da máquina, e de cada vez há um detalhe novo a notar. [...]

Ninguém sabe mesmo quem encomendou a máquina. O prefeito jura que não foi ele, e diz que consultou o arquivo e nele não encontrou nenhum documento autorizando a transação. Mesmo assim não quis lavar as mãos, e de certa forma encampou a compra quando designou um funcionário para zelar pela máquina. [...]

VEIGA, J. J. A máquina extraviada. In: MORICONI, I.
Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p. 229-232.

36 - (FM Petrópolis RJ)

Podem-se reescrever as sentenças abaixo num único período.

Ainda não sabemos para que serve a máquina.

Isso não tem importância.

Ela é o nosso orgulho.

O período que junta as três, mantendo as relações lógicas, é:

a) Contanto que não saibamos para que serve a máquina, isso não tem importância, tanto quanto ela é o nosso orgulho.

b) Já que ainda não sabemos para que serve a máquina, isso não tem importância, quando ela for o nosso orgulho.

c) À medida que ainda não sabemos para que serve a máquina, isso não tem importância, mas ela é o nosso orgulho.

d) Embora ainda não saibamos para que serve a máquina, isso não tem importância, uma vez que ela é o nosso orgulho.

e) Se ainda não soubermos para que serve a máquina, isso não tem importância, apesar de que ela é o nosso orgulho.

37 - (FM Petrópolis RJ)

Em que sentença o uso da palavra **até** é feito como em "... o povo aqui se apaixona até pelos assuntos mais infantis," (Refs. 8-9)

a) Há visitação no local para apreciarem a geringonça até o cair da noite.

b) A máquina levou a população toda até a casa do prefeito.

c) A seca foi tão forte que até fez os cactos secarem.

d) Fabiano não é de falar muito até que quis conversar com sinha Vitória.

e) O cachorro correu até a porta, mas desistiu de sair.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 38

PORTÃO

O portão fica bocejando, aberto
para os alunos retardatários.
Não há pressa em viver
nem nas ladeiras duras de subir,
quanto mais para estudar a insípida cartilha.
Mas se o pai do menino é da oposição,
à ilustríssima autoridade municipal,
prima por sua vez da sacratíssima
autoridade nacional,
ah, isso não: o vagabundo
ficará mofando lá fora
e leva no boletim uma galáxia de zeros.

A gente aprende muito no portão
fechado.

ANDRADE, Carlos Drummond de. In:
Carlos Drummond de Andrade: Poesia e Prosa.
Editora Nova Aguilar:1988. p. 506-507.

38 - (UECE)

Atente ao que é dito sobre o vocábulo “insípida” (Ref. 50).

I. Foi empregado na acepção de sem graça, desinteressante, monótono.
II. Foi empregado no seu sentido literal, não figurado.
III. A mudança da posição desse adjetivo para depois do substantivo não alteraria o significado do substantivo.

Está correto o que se afirma somente em

a) I e II.

b) III.

c) I e III.

d) II.

TEXTO: 21 - Comum à questão: 39

DIÁLOGO DA RELATIVA GRANDEZA

Sentado no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, Doril examinava um louva-deus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo – ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia; se Doril não visse o leve pulsar de fole do pescoço – e só olhando bem é que se via – era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grilo de brinquedo, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar.

Entretido com o louva-deus Doril não viu Diana chegar comendo um marmelo, fruta azeda e enjoada que só serve para ranger os dentes. Ela parou perto do monte de lenha e ficou descascando o marmelo com os dentes mas sem jogar a casca fora, não queria perder nada. Quando ela já tinha comido um bom pedaço da parte de cima e nada de Doril ligar, ela cuspiu fora um pedaço de miolo com semente e falou:

– Está direitinho um macaco em galho de pau.

Doril olhou só com os olhos e revidou:

– Macaco é quem fala. Está até comendo banana.

– Marmelo é banana, besta?

– Não é mais serve.

Ficaram calados, cada um pensando por seu lado. Diana cuspiu mais um caroço.

– Sabe aquele livro de história que o Mirto ganhou?

– Que Mirto, seu. É Milllton. Mania!

– Mas sabe? Eu vou ganhar um igual. Tia Jura vai mindar.

– Não é mindar. É me-dar. Mas não é vantagem.

– Não é vantagem? É muita vantagem.

– Você já não leu o de Milton?

– Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.

– Vantagem é ganhar outro. Diferente.

– Deferente eu não quero. Pode não ser bom.

– Como foi que você disse? Diz de novo?

– Já disse uma vez, chega.

– Você disse deferente.

– Foi não.

– Foi. Eu ouvi.

– Foi não.

– Foi.

– Foi não.

– Foooi.

Continuariam até um se cansar e tapar os ouvidos para ficar com a última palavra se Diana não tivesse a habilidade de se retirar logo que percebeu a dízima. Com pedacinho final do marmelo entre os dedos, ela chegou-se mais perto do irmão e disse:

– Gi! Matando louva-deus! Olhe o castigo!

– Eu estou matando, estou?

– Está judiando. Ele morre.

– Eu estou judiando?

– Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.

Doril não disse mais nada, qualquer coisa que ele dissesse ela aproveitaria para outra acusação. Era difícil tapar a boca de Diana, ô menina renitente. Ele preferiu continuar olhando o louva-deus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, corno faz uma pessoa na ventania. O louva-deus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e podem até levantar urna pessoa do chão. Doril era a força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Será que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando – do de formiga? De piolho de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

Doril pensou, comparando as coisas em volta. Seria engraçado se as pessoas fossem criaturinhas miudinhas, vivendo num mundo miudinho, alumiado por um sol do tamanho de uma rodela de confete.

Diana lambendo os dedos e enxugando no vestido. Qual seria o tamanho certo dela? Um palmo de cabeça, um palmo de peito, palmo e meio de barriga, palmo e meio até o joelho, palmo e meio até o pé... uns seis palmos e meio. Palmo de quem? Gafanhoto pode ter seis palmos e meio também – mas de gafanhoto. Formiga pode ter seis palmos e meio – de formiga. E os bichinhos que existem mas a gente não vê, de tão pequenos? Se tem bichos que a gente não vê, não pode ter bichos que esses que a gente não vê não veem? Onde é que o tamanho dos bichos começa, e onde acaba? Qual é o maior, e qual o menor? Bonito se nós também somos invisíveis para outros bichos muito grandes, tão grandes que os nossos olhos não abarcam? E se a Terra é um bicho grandegrandegrandegrande e nós somos pulgas dele? Mas não pode! Como é que vamos ser invisíveis, se qualquer pessoa tem mais de um metro de tamanho?

Doril olhou o muro, os cafezeiros, as bananeiras, tudo bem maior do que ele, uma bananeira deve ter mais de dois metros...

Aí ele notou que o louva-deus não estava mais na mão. Procurou por perto e achou-o pousado num pau de lenha, numa ponta coberta de musgo. Doril levantou o pau devagarinho, olhou-o de perto e achou que a camada de musgo lembrava um matinho fechado, com certeza cheio de

– Quando é que você vai deixar esse bichinho sossegado? Tamanho homem!

Doril largou o pau devagarinho no monte, limpou as mãos na roupa

– Você não sabe qual é o meu tamanho.

Ela olhou-o desconfiada, com medo de dizer uma coisa e cair em alguma armadilha. Doril estava sempre arranjando novidades para atrapalhá-la.

– Você nem sabe qual é o seu tamanho – insistiu ele.

– Então não sei? Já medi e marquei com um carvão atrás da porta da sala. Pode olhar lá, se quiser.

Ele sorriu da esperada ingenuidade.

– Isso não quer dizer nada. Você não sabe o tamanho da marca.

– Sei. Mamãe mediu com a fita de costura. Diz que tem um metro e vinte e tantos.

– Em metro de anão. Ou metro invisível.

Ela olhou-o assustada, desconfiada; e não achando o que responder, desconversou:

– Ih, Doril! Você está bobo hoje!

– Boba é você, que não sabe de nada.

Ela esperou, ele explicou:

– Você não sabe que nós somos invisíveis, de tão pequenos?

– Sei disso não. Invisível é micuim, que a gente sente mas não vê.

– Pois é. Nós somos como micuins.

Diana olhou depressa para ela mesma, depois para Doril.

– Como é que eu vejo eu, vejo você, vejo minha mãe?

– E você pensa que micuim não vê micuim?

Diana franziu a testa, pensando. Doril tinha cada ideia.

[...]

– Não pode, Doril. A gente é grande. Olha aí, você é quase da altura desse monte de lenha.

– Está vendo como você não sabe nada? Isso não é um monte de lenha. É um monte de pauzinhos menores do que pau de fósforo.

– Ora sebo, Doril. Pau de fósforo é deste tamanho – ela mostrou dois dedinhos separados, dando tamanho que ela imaginava.

– Isso que você está mostrando não é tamanho de pau de fósforo. Pau de fósforo é quase do seu tamanho.

Diana ficou pensativa, triste por ter diminuído de tamanho de repente. Doril aproveitou para ensinar mais.

– Como você é tapada, Diana. Tudo no mundo é muito pequeno. O mundo é muito pequeno. – Olhou em volta procurando uma ilustração. – Está vendo aquela jaca? Sabe o tamanho dela?

– Sei sim. Regula com uma melancia.

– Pronto. Não sabe. É do tamanho de cajá.

Diana olhou a jaca já madura em ponto de cair, qualquer dia caía.

– Ah, não pode, Doril. Comparar jaca com cajá?

– Mas é porque você não sabe que cajá não é cajá.

– O que é então?

– É bago de arroz.

Diana olhou em volta aflita, procurando uma prova de que Doril estava errado.

– E coqueiro o que é?

– Coqueiro é pé de salsa.

– E eu?

– Você é formiga de dois pés.

– Se eu sou formiga como é que eu pulo rego d´água?

– Que rego d´água?

– Esse nosso aí.

Doril sacudiu a cabeça, sorrindo.

– Aquilo não é rego d´água. É risquinho no chão, da grossura de um fio de linha.

– E... E aquele morro lá longe?

– Não é morro. Você pensa que é morro porque você é formiga. Aquilo é um montinho de terra que cabe num carrinho de mão.

Diana olhou-se de alto a baixo, achou-se grande para ser formiga.

– Onde você aprendeu isso?

Ela precisava da garantia de uma autoridade para aceitar a nova ideia.

– Em parte nenhuma. Eu descobri.

Diana deu um riso de zombaria, como quem começa a entender. Tudo aquilo era invenção dele, coisa sem pé nem cabeça. Como a história de recado por pensamento.

A mãe chamou da janela. Doril desceu do monte de lenha, um pau resvalou e feriu-o no tornozelo. Ele ia xingar mas lembrou que pau de fósforo não machuca. A mãe chamou de novo, ele saiu correndo e gritou para trás:

– Quem chegar por último é filho de lesma.

Diana correu também, mais para não ficar sozinha do que para competir. Pularam uma bacia velha, simples tampa de cerveja emborcada no chão. Pularam o fio de linha que Diana tinha pensado que era um rego d´água. Doril tropeçou num balde furado (isto é, um dedal com alça), subiu de um fôlego os dentes do pente que servia de escada para a varanda, e entrou no caixotinho de giz onde eles moravam. A mãe uma formiguinha severa de pano amarrado na cabeça estava esperando na porta com uma colher e um vidro de xarope nas mãos, a colher uma simples casquinha de arroz. Doril abriu a boca, fechou os olhos e engoliu, o borrifo de xarope desceu queimando a garganta de formiga.

VEIGA, J. J. *Melhores contos J. J. Veiga.* Seleção de J. Aderaldo Castello. 4. ed. São Paulo: Global, 2000. p. 97-102.

39 - (UFG GO)

Com a palavra *dízima*, o narrador avalia a situação vivida pelas personagens, apropriando-se de um termo relacionado à

a) teologia, aludindo à contribuição paga pelos fiéis como obrigação religiosa.

b) economia, evocando o imposto correspondente à décima parte do rendimento de uma pessoa.

c) matemática, fazendo referência à representação decimal de um número que se repete indefinidamente.

d) sociologia, descrevendo o episódio da morte violenta de uma etnia.

e) geografia, conotando uma leitura estatística de dados apresentados.

TEXTO: 22 - Comum à questão: 40

O xadrez de Marina

SÃO PAULO — Eduardo Campos não é um "zero", como Ciro Gomes o chamou na sua tola e habitual verborragia, tampouco é o estrategista político formidável, tal qual passou a ser pintado em Brasília após a surpreendente filiação da ex-senadora Marina Silva ao seu PSB.

O governador de Pernambuco é um construtor de pontes, paciente e habilidoso, que consegue se manter como interlocutor de quase todo o mundo, de Lula a Serra, de Bornhausen e Ronaldo Caiado a Marina. É um conciliador que parece mais mineiro do que o próprio Aécio Neves.

É evidente que esses traços o ajudaram a se posicionar no momento em que Marina precisava achar uma saída para o imbróglio em que se meteu ao não conseguir oficializar a tal Rede Sustentabilidade -- não se filiar a um partido significaria abdicar totalmente da eleição presidencial; entrar numa sigla qualquer apenas para ser candidata seria um gesto personalista que poderia arranhar a imagem da nova política, que Marina tanto cultiva.

Mas, na prática, o governador pernambucano foi um agente passivo nessa história toda. Se alguém anteviu alguma coisa, foi Marina. A ex-senadora criou o principal fato político desde a eleição de Dilma e ainda jogou sobre Campos a responsabilidade de crescer nas pesquisas em pouco tempo, ao deixar claro que, se o governador não se viabilizar, ela pode concorrer.

No cenário anterior, Campos seria um vitorioso se terminasse a eleição presidencial do ano que vem com cerca de 15% dos votos. Atingiria seu objetivo de tornar-se um nome nacionalmente conhecido a fim de, quatro anos depois, disputar a sucessão para valer.

Agora, após o empurrão da ex-senadora, se Campos não atingir esse patamar nos próximos meses, antes mesmo de a campanha eleitoral começar, poderá ser forçado a abdicar da candidatura em favor de Marina.

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/colunas/
rogeriogentile/2013/10/1354262-o-xadrez-de-marina.shtml.
Acesso em: 10 out. 2013.

40 - (PUC MG)

Leia o trecho a seguir, retirado do texto:

O governador de Pernambuco é um construtor de pontes, paciente e habilidoso, que consegue se manter comointerlocutor de quase todo o mundo, de Lula a Serra, de Bornhausen e Ronaldo Caiado a Marina.

A metáfora “construtor de pontes” é iluminada e explicada:

a) pelo uso do termo “interlocutor”.

b) pelo uso dos termos “paciente” e “habilidoso”.

c) pelo modo como se constrói a apresentação de seus interlocutores.

d) pelo fato de o governador ser, na verdade, um político, e não um engenheiro.

TEXTO: 23 - Comum à questão: 41

Álbum de colégio

[1] Um antigo colega criou e organizou um site *sobre [2] nossos anos de colégio, que já vão longe. Visitei ontem [3] as páginas virtuais de uma experiência real, vivida [4] longamente numa velha escola, sólida tanto na construção [5] como no ensino. A pesquisa do meu colega é [6] bastante rica: documenta com detalhes pessoas e espaços [7] que nos foram muito familiares. Detive-me logo [8] na sequência dos professores, como se de novo estivesse [9] a ouvir suas vozes e a ver seus gestos, projetados [10] do tablado em que ficava a mesa, junto ao [11] quadro-negro.*

[12] Dona Alzira, de matemática. Óculos grossos, de [13] aro escuro, contrastando com a pele clara. Paciente, [14] repetia o que fosse necessário de uma lição de álgebra [15] ou geometria. Eu me divertia

com as palavras novas, [16] que logo transformava em apelidos dos colegas: [17] Maria Clara ficou sendo a Hipotenusa, por ser comprida [18] e magra, e o Zé Roberto passou a ser Cateto, por [19] conta do nariz comprido. As palavras prestam-se a associações [20] estranhas, talvez arbitrárias. O frequente [21] vestido de folhas vermelhas de Dona Alzira me parecia [22] bandeira vistosa das minhas dificuldades com as [23] equações e os teoremas.

[24] Dava-me melhor em Português. Não tanto com a [25] Gramática das regras severas e nomenclatura difícil, [26] mas com os textos bonitos que nos levavam para fora [27] da escola, na viagem da imaginação. Descobri com [28] seu Alex, professor grandalhão de voz grave e dicção [29] perfeita, o encantamento de versos ou frases em [30] prosa ditos com muita expressão, valorizados em cada [31] sílaba. E me iniciei em alguns autores que acabaram [32] ficando, como Fernando Pessoa.

[33] A História, ao que me lembro, dividia-se em Geral, [34] da América e do Brasil. Tive mais de um professor, o [35] mais entusiasmado e entusiasmante era o seu Euclides, [36] quase nunca imparcial, admirador dos gregos, não tanto [37] dos romanos, capaz de descrever as viagens marítimas [38] dos portugueses e espanhóis como se fosse um tripulante. [39] Não deixava de admirar Napoleão, acentuando [40] a incomensurável diferença entre o tio e o sobrinho. Na [41] História do Brasil, enfatizava as insurreições populares [42] e censurava o Estado Novo.

[43] Clicando aqui e ali (quem diria que havíamos de [44] conhecer e usar esse tal de computador?) chego a outros [45] mestres, a outras aulas inesquecíveis. As meninas [46] torciam o nariz nas de Química: o professor fazianos [47] usar o laboratório e praticar reações (com sulfato? [48] com sulfeto?) que não cheiravam nada bem. As mais [49] frágeis simulavam desmaios... Havia as salas-ambiente, [50] destinadas e aparelhadas para disciplinas específicas. [51] Na de Geografia, grandes mapas, projetor [52] de slides*, maquetes e figuras em alto relevo; na de [53] Biologia, acreditem: um esqueleto completo, de verdade, [54] apelidado de Toninho (dizia-se que de um indigente, [55] morto há várias décadas); na de Física, armários [56] com instrumentos que lembravam ilustrações de [57] Da Vinci. O professor Geraldo não era exatamente [58] uma grande vocação de pedagogo: com ele a Física ficava [59] mais difícil do que já é. Dividia o curso em três [60] partes: Cinemática, Estática e Dinâmica, mas não sobrava [61] quase nada de nenhuma. Como ficava ao lado [62] da sala de Música, distraía-nos o piano de Dona [63] Mariinha, que punha seus alunos para cantar peças do [64] folclore nacional, das cirandas e emboladas do nordeste [65] às danças gauchescas.*

[66] E havia, é claro, os pátios de recreio, movimentados [67] nos intervalos. A moralidade da época recomendava [68] dois pátios: um para os meninos, outro para as [69] meninas. As turmas eram mistas, mas o convívio evitado [70] tanto quanto possível. Regulava-se o comprimento [71] das saias, que

algumas colegas enrolavam sorrateiramente [72] *na cintura. Afinal, a moda era a míni...* [73] *Discos recém-lançados de Roberto Carlos e dos* [74] *Beatles animavam o intervalo maior, colocados na vitrola* [75] *reivindicada e conseguida pelo centro estudantil.76* [77] *Volta e meia aparecia um jornalzinho dos estudantes,* [78] *de corpo editorial instável e de vida curta.*

[79] *Como esquecer, ainda, as figuras dos nossos inspetores* [80] *de alunos? Seu Alípio, baixinho e bravo, vociferando* [81] *por nada; dona Gladyr, apelidada de Arco-íris* [82] *por conta das roupas multicoloridas; dona Gervásia, a* [83] *mais velha funcionária da escola, contadora de* [84] *"causos"; Albertina, moça vigilante e de poucas palavras,* [85] *encarregada do portão de entrada das meninas.* [86] *Na cantina, os três irmãos proprietários ("os três mosqueteiros* [87] *ou os três patetas?", brincávamos) atendiam* [88] *a todos com desenvoltura e bom humor. E, por todo* [89] *lado, as criaturas mais antigas e veneráveis: os* [90] flamboyants *copados, os plátanos, as duas figueiras.* [91] *Provavelmente ainda todas vivas, florescendo.*

[92] *De clique em clique armou-se na tela do monitor,* [93] *em grande angular, a imagem da preciosa e velha* [94] *biblioteca da escola. Sim, tinha bibliotecária: uma* [95] *senhora idosa e prestativa, sempre perfumada, rigorosa* [96] *na disciplina: dona Augusta, de hábitos e gosto* [97] *conservadores. Na "sua" biblioteca não entrava "esse* [98] *tal de Sartre, francês ateu e comunista que desencaminha* [99] *a juventude". Recomendava-nos Coelho* [100] *Netto e Olavo Bilac, Machado de Assis e Euclides da* [101] *Cunha, e parava por aí: nenhum entusiasmo pelos* [102] *modernos. Mas lá estavam Bandeira, Drummond,* [103] *Clarice, Graciliano, Guimarães Rosa, que íamos descobrindo* [104] *aos poucos. A biblioteca tinha algumas preciosidades* [105] *do século XIX, encadernadas e dispostas* [106] *nas prateleiras mais altas.*

[107] *Ah, a educação física... Luxos dos luxos: um ginásio* [108] *de esportes, com boa quadra e pequena arquibancada,* [109] *e um campo gramado de futebol, com traves* [110] *oficiais e rede, instalada apenas nos jogos importantes.* [111] *Lembro-me quando a seleção da escola recebeu* [112] *o time do Seminário Presbiteriano, uns jovens educadíssimos,* [113] *diante dos quais parecíamos uns trogloditas.* [114] *Pois nos deram uma goleada, com todo o respeito.* [115] *Nosso comentário ressentido: − Mas também esses* [116] *caras vivem concentrados...*

[117] *Velha escola. Por ironia, a tecnologia moderna* [118] *me leva ao passado e materializa reminiscências que* [119] *pareciam condenadas à pura e desmaiada memória.* [120] *Ao som das músicas daquela época, as jovens colegas* [121] *continuam moças e bonitas, e os rapazes ensaiam* [122] *seus flertes... Palavras antigas. Mas está tudo* [123] *lá: no* site *do colégio, aberto à participação de moços* [124] *e velhos, história organizada de uma década perdida* [125] *no século XX. Lembrei-me agora de uma*

cena do filme [126] ***Sociedade dos poetas mortos****. O professor leva* [127] *seus corados alunos a um saguão da escola, onde* [128] *estão fotos amareladas de alunos de outrora, que já* [129] *nem estão neste mundo. Aos moços atentos àquelas* [130] *imagens pergunta o professor: − Sabe o que dizem* [131] *esses jovens das fotos? Dizem:* **carpe diem***, em latim.* [132] *Ou: aproveita bem o dia que passa.*

(Rinaldo Antero da Cruz, *inédito*)

41 - (PUCCamp SP)

O texto apresenta passagens em que arranjos singulares de linguagem ampliam as possibilidades de sentido da expressão. A alternativa em que se reconhece corretamente um desses arranjos, no 5º parágrafo, é:

a) *chego a outros mestres, a outras aulas inesquecíveis*/ pleonasmo.

b) *As meninas torciam o nariz nas de Química* / anacoluto.

c) *o professor fazia-nos* [...] *praticar reações* [...] *que não cheiravam nada bem* / paradoxo.

d) *O professor Geraldo não era exatamente uma grande vocação de pedagogo* / eufemismo.

e) *distraía-nos o piano de Dona Mariinha* / hipérbole.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 42

O mundo que venci deu-me amor

O mundo que venci deu-me um amor,

Um troféu perigoso, este cavalo

Carregado de infantes couraçados.

O mundo que venci deu-me um amor

Alado galoupando em céus irados,

Por cima de qualquer muro de credo,

Por cima de qualquer fosso de sexo.

O mundo que venci deu-me um amor

Amor feito de insulto e pranto e riso,

Amor que força as portas dos infernos,

Amor que galga o cume ao paraíso.

Amor que dorme e treme. Que desperta

E torna contra mim, e me devora

E me rumina em cantos de vitória.

(Faustino, Mário. Poesia completa. Poesia traduzida.
São Paulo: Max Limonad, 1985.)

42 - (UERN)

Considerando as relações semânticas e lexicais nas quais o texto se ampara, assinale a alternativa cujo trecho NÃO exibe ideias contrastantes.

a) “O mundo que venci deu-me um amor,

Um troféu perigoso, este cavalo

Carregado de infantes couraçados.”

b) “Amor que dorme e treme. Que desperta

E torna contra mim, e me devora

E me rumina em cantos de vitória.”

c) “O mundo que venci deu-me um amor

Alado galoupando em céus irados,

Por cima de qualquer muro de credo,

Por cima de qualquer fosso de sexo.”

d) “O mundo que venci deu-me um amor
Amor feito de insulto e pranto e riso,
Amor que força as portas dos infernos,
Amor que galga o cume ao paraíso.”

TEXTO: 25 - Comum à questão: 43

Soneto

Álvares de Azevedo

Pálida a luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na escuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d’alvorada
Que em sonhos se banhava e esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!

Por ti – as noites eu velei chorando,

Por ti – nos sonhos morrerei sorrindo!

LIRA DOS VINTE ANOS.
São Paulo: Martin Claret, 2006.p.49-50.

43 - (UFG GO)

A comparação entre os elementos lexicais das duas primeiras estrofes revela uma oposição entre noite e amanhecer que indica, respectivamente, a

a) precisão do tempo cronológico e a delimitação do cenário.

b) melancolia do amor inacessível e a ilusão dos sonhos projetados.

c) certeza da felicidade da mulher e a desconfiança de uma traição.

d) solidão da virgem e a presença do enunciador.

e) quietude do silêncio e a agitação da natureza.

GABARITO:

1) Gab: B

2) Gab: E

3) Gab: A

4) Gab: B

5) Gab: A

6) Gab: C

7) Gab: C

8) Gab: D

9) Gab: E

10) Gab: A

11) Gab: B

12) Gab: E

13) Gab: B

14) Gab: E

15) Gab: D

16) Gab: B

17) Gab: A

18) Gab: C

19) Gab: B

20) Gab: A

21) Gab: 03

22) Gab: B

23) Gab: D

24) Gab: D

25) Gab: C

26) Gab: D

27) Gab: B

28) Gab: B

29) Gab: B

30) Gab: E

31) Gab: E

32) Gab: E

33) Gab: 04

34) Gab: 04

35) Gab: B

36) Gab: D

37) Gab: C

38) Gab: C

39) Gab: C

40) Gab: C

41) Gab: D

42) Gab: A

43)Gab:B